



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO _ CEDUC
CURSO DE GRADUAÇÃO LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

LIARA LIRA DA COSTA

**Discursos que se cruzam, sujeitos ressignificados: uma
análise do Blog Sapatômica e de suas leitoras.**

**CAMPINA GRANDE-PB
2016**

LIARA LIRA DA COSTA

**Discursos que se cruzam, sujeitos ressignificados: uma
análise do Blog Sapatômica e de suas leitoras.**

Trabalho de Conclusão de curso apresentado
à Universidade Estadual da Paraíba – UEPB,
como requisito parcial para obtenção da
graduação em Licenciatura Plena em História.

Orientador: Prof. M.e Francisco Jomário Pereira

**CAMPINA GRANDE-PB
2016**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

C837d Costa, Liara Lira da
Discursos que se cruzam, sujeitos ressignificados [manuscrito]
: uma análise do Blog Sapatômica e de suas leitoras. / Liara Lira
da Costa. - 2016.
65 p. : il. color.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.
"Orientação: Prof. Me. Francisco Jomário Pereira,
Departamento de História".

1. Identidade. 2. LGBTs. 3. Ciberespaço. 4. Sapatômica. I.
Título.

21. ed. CDD 306.7

LIARA LIRA DA COSTA

Discursos que se cruzam, sujeitos ressignificados: uma análise do Blog Sapatômica e de suas leitoras.

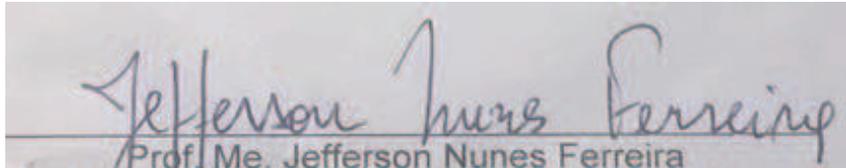
Trabalho de Conclusão de curso apresentado à Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, como requisito parcial para obtenção da graduação em Licenciatura Plena em História.

Aprovada em: 23/05/2016.

BANCA EXAMINADORA



Prof. M.e Francisco Jomário Pereira (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Jefferson Nunes Ferreira
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof^ª. M.a Kátia Ramos Silva
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

A tia Lourdes In memoriam. Obrigada por ter me dado ferramentas para chegar até aqui e pelo amor a mim sempre dedicado.

AGRADECIMENTOS

Há uma palavra que me vem em mente sempre que penso na vida e nas pessoas que fazem parte dela, gratidão, saber ser grato a todos aqueles que fizeram/fazem parte de nossa vida é o primeiro passo para a felicidade. Hoje, quando olho para trás e vejo a quantidade de conquistas que tive, não me resta dúvidas, não as conseguiria sem a participação de tantas pessoas com as quais tive o prazer de conviver. Pontualmente agradeço à força maior que rege o universo por me presentear com a perfeição, sim, tenho braços, pernas, órgãos que funcionam bem; além disso, tenho a capacidade de pensar de forma clara, sem a qual não escreveria tudo que falo até aqui. Permitiu-me ter um lar, uma família e me fez entender o manual de instruções da vida para segui-la da melhor forma possível. Aos meus colegas de turma, amigos de vida, aos professores e tantas outras pessoas que compuseram comigo aquilo que sou ou venho me tornando, seja academicamente ou pessoalmente. Nietzsche diz que para que conquistemos grandes êxitos precisamos nos manter fiéis a nós mesmos. Ainda que esse nós seja recomposto a cada nova experiência vivida. Então que vivamos com fidelidade a nossos propósitos, que este ciclo de cinco anos seja fechado e outros mais sejam abertos e que me mantenha fiel a meu propósito, de aprender mais a cada dia que nasce.

Discursos que se cruzam, sujeitos ressignificados: uma análise do Blog Sapatômica e de suas leitoras.

Costa, Liara Lira da

RESUMO

O discurso tem o poder de instaurar verdades como afirma Foucault, para tanto não podemos analisar falas considerando-as neutras. A Identidade conceito caro à fundamentação teórica do presente trabalho se constrói na mobilidade, na fluidez, não apenas se constrói como se ressignifica. Novas práticas sociais têm, portanto, papel decisivo no modo como se dá a construção de identidades e padrões normativos, bem como a partir destes, há a construção de posturas ditas desviantes. Indo além do campo restrito à História, este trabalho traz a análise do potencial de realidade que envolve o ciberespaço, uma tônica da realidade contemporânea que tem interferido no modo com se dão as trocas simbólicas dos sujeitos; trocas estas responsáveis por configurar, quem somos, como nos representamos e como nos sentimos representados. O trabalho conta com análises de matérias voltadas ao público LGBT no blog Sapatômica, somado a isso há entrevistas com leitoras do Blog, para melhor entendermos como se dá essa construção e ressignificação de identidades, sobretudo a partir de ferramentas tecnológicas na era do ciberespaço.

PALAVRAS CHAVE: Identidade. LGBTs. Ciberespaço. Sapatômica.

Discursos que se cruzam, sujeitos ressignificados: uma análise do Blog Sapatômica e de suas leitoras.

COSTA, Liara Lira da

ABSTRACT

The speech has the power to bring truths to Foucault, therefore we can not analyze speeches considering neutral. Identity concept dear to the theoretical basis of this work is built on mobility, fluidity, not only builds as reframes. New social practices are therefore decisive role in the way, the construction of identities and normative standards, and from these, there is the construction of so-called deviant postures. Going beyond the restricted field of history, this paper presents the analysis of the reality of potential involving cyberspace, a tonic of contemporary reality that has interfered in the way are given the symbolic exchange of the subjects; these exchanges responsible for configuring, who we are, how we represent ourselves and how we feel represented. The work includes analysis of materials aimed at LGBT in Sapatômica blog, added to this there are interviews with readers of the Blog, to better understand how this human construction and identity reinterpretation, especially from technological tools in the era of cyberspace.

KEY WORDS: Identity. LGBTs. Cyberspace. Sapatômica.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. Historicizando o objeto: O poder do discurso na construção de sujeitos	13
1.2 Desnaturalizando e Construindo: Uma breve análise sobre as Questões de Gênero e Identidade Sexual.....	19
2. Identidades em rede: a ressignificação de práticas sociais no mundo virtual	24
2.1 Construindo Identidades: a relação do Eu com o outro e a interação simbólica do contato online.....	29
3. LGBTs no Ciberespaço: a liberdade de ser quem se é no mundo virtual e de se reconhecer e reinventar a partir de leituras do Sapatômica.....	34
3.1 Da Lady à Caminhão: a influência de padrões Heteronormativos na construção dos esteriótipos do Sapatômica.....	37
CONSIDERAÇÕES	53
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	55
APÊNDICES.....	57

INTRODUÇÃO

Sabe-se que toda pesquisa traz consigo experiências diversas; desde as que dão origem a ela, até aquelas que se desdobram durante a mesma. Enquanto pesquisadora recuso-me a pensar a História como uma ciência do passado, afinal, a História encarrega-se de estudar o Homem/ser humano ao longo dos tempos nas suas mais diversas áreas e nos mais diversos períodos, lida não apenas com o social ou o econômico, século x ou século y. Somado a isso busquei/busco analisar as minorias, por acreditar que estas têm no pesquisador os aportes necessários para que não sejam esquecidas em meio às maiorias sufocantes.

Analisar a sociedade contemporânea é notar avanços e retrocessos dos mais diversos. É notar o modo como valores e comportamentos daqueles que estão dentro da norma da sociedade são assimilados pelos “outros” da história e mascarado na sociedade pós-moderna, ao ponto de por vezes ser reforçado por estas minorias que preferem não adotar padrões desviantes. Por exemplo, quando nos defrontamos com uma mulher com posturas machistas, ou mesmo pessoas LGBTs que assimilaram e mesmo defendem ou passam adiante os valores de uma sociedade heteronormativa.

Onde está o problema de se seguir um padrão de comportamento e definição de relações sociais normativamente delineado? O problema reside em que nem todos dessa sociedade são necessariamente deste para que o siga. E determinar UM modelo ideal, coloca por tabela aqueles que não estão inseridos neste, na clandestinidade, na quebra da regra. Porém, valores são disseminados e assimilados por sujeitos mediante relações de poder, que tornam possível a superioridade de um padrão em decorrência de outro, como afirma Foucault (1979) o saber e o poder constroem os indivíduos bem como as implicações sociais que decorrem dessa construção.

Desde a idealização e construção do objeto de pesquisa, houve muitas nuances em torno desta. Percalços, mudanças de rotas e readaptações estiveram sempre presente, quem ler as páginas que seguem encontrará um trabalho permeado de vida. E como toda vida, há rupturas, movimento, transformação, amadurecimento, entre outras experiências. Pode-se perguntar o porquê, da escolha do Blog Sapatômica para análise em meio à vasta gama de blogs que abordam o

tema. Há um mundo externo a nós que não pode ser posto de lado, e que interfere no conteúdo de uma produção intelectual. A escolha levou em consideração a diversidade de assuntos abordados pelo blog que não se restringe ao campo do entretenimento; também o fato de ser um blog relativamente antigo haja vista estar no ar a mais de 4 anos.

Quando pensei no que pesquisar em meu TCC incorri em diferentes direções com diferentes orientadores. Trabalharia Religiosidade popular, por falta de fontes fui obrigada a trocar a rota, mudei o objeto de pesquisa e de orientador; decidi trabalhar com a análise do Blog Sapatômica sob a orientação de uma determinada professora, por inviabilidades como a distância mudei de orientadora mais uma vez, passei a ser orientada por um professor, que por falta de renovação de contrato não pôde dar continuidade à orientação, até chegar aonde cheguei foram muitos cortes e percalços, abordagens repensadas, etc que moldaram o produto final que se tornaria esta monografia. O trabalho que se segue foi fruto de um corte epistemológico fruto de duas cabeças, pois, antes minha proposta de pesquisa era abrangente, eu e o meu novo e definitivo orientador fomos recortando, costurando a proposta que foi por fim desenvolvida e aqui apresentada.

No trabalho a seguir buscamos analisar a forma como se dá a construção e ressignificação da identidade lésbica a partir de matérias, vinculadas ao Blog Sapatômica. Acompanhado disto foram feitas entrevistas com leitoras do blog buscando tornar inteligível o modo como se dão as representações simbólicas que funcionam como ferramentas úteis à construção de Identidades, desde as individuais, abarcando assim as subjetividades de cada indivíduo, até as coletivas que são responsáveis por apontar traços em comum que unem sujeitos em torno de objetivos e valores em comum. Analisar um blog é, portanto, observar um lugar de sociabilidades que é direcionado e frequentado por pessoas no mínimo simpatizantes à causa gay.

Partindo dos pressupostos teóricos dos estudos de Gênero na observação dos ditames do ser lésbica na contemporaneidade da Cibercultura, centralizamos a discussão em torno da análise dos meios de comunicação que possibilitaram maior interação e rapidez das relações, bem como apontando a forma como o seguimento LGBT, utiliza-se dessas ferramentas na construção de identidades e sociabilidades

no ciberespaço, tendo como análise as identidades lésbicas. No que se refere à metodologia utilizada para tal análise, trabalhamos de modo qualitativo, onde analisamos as matérias veiculadas pelo Blog e relacionamos com a fala de leitoras. Utilizamos referências teóricas para fundamentar conceitos como de identidade e ciberespaço.

O mundo virtual que em outro momento se tratava de algo distante tem se tornado cada vez mais presente no dia a dia das pessoas. As estatísticas apontam tal crescimento. Segundo nos informa os dados do *Ibope*¹ em “O consumidor de mídia brasileiro” a internet ocupa hoje nas casas e vidas de brasileiros um lugar de destaque haja vista ser a segunda mídia na qual os usuários passam mais tempo (3h33) em média por dia, perdendo apenas para a Televisão que retém em média (4h28) do tempo diário do brasileiro. É interessante notar ainda, ser esse público em sua maioria mulheres que estão englobadas em nossa pesquisa, haja vista tratarmos de mulheres, porém, trata-se de uma subdivisão deste universo feminino, afinal, não analisaremos todas as mulheres, mas aquelas que mantêm laços afetivos e/ou sexuais com outras mulheres. De tal modo observaremos como se dá o uso do virtual por esta parte que compõe o conjunto majoritário no uso da internet.

Pensando a sociedade deste modo e atentando a conceitos teóricos acerca do que vem a ser o virtual, incômodos acompanhados de questionamentos surgem em torno dos mais variados temas. Ora, será a internet uma extensão da vida real e palpável passível de ser pensada enquanto espaço de construção de identidades e mesmo de resignificação de valores? A internet é uma grande rede de relações humanas que tece a identidade do indivíduo a partir de gostos em comum, lutas igualmente vividas, e aspectos até mesmo físicos que causam a sensação de pertencimento.

Vivemos tempos de "Liquidez" conceito desenvolvido por Bauman desde seu *Modernidade Líquida* (2001), *Amor Líquido* (2004), *Medo Líquido* (2008) Bauman vem desdobrando tal conceito apontando-o como característica marcante na sociedade pós-moderna ou da modernidade líquida o autor assim decide chamar este período da sociedade. Há que se perguntar de que modo essa liquidez facilita as relações entre os sujeitos, sobretudo dos atores que figuram no cenário LGBT?

¹ Disponível em: <https://www.kantaribopemedia.com/o-consumidor-de-midia-brasileiro/> Acesso em 06/05/2016.

Dentro de um universo desterritorializado, onde fica o papel da história agora impressa a largos passos na fluidez do tempo?

Elementos em comum aglutinam indivíduos com suas identidades forjadas e móveis que em meio à fluidez das relações e de forma moldável a cada instante, atualizam os modos de viver e ver o mundo do indivíduo; em meio a esse turbilhão de informações que é a Web, identidades se reafirmam, representações de si se propagam. O movimento negro, grupos religiosos, a comunidade LGBT e tantos outros possíveis grupamentos humanos utilizam a internet enquanto ferramenta de reconhecimento e identidade, constroem comunidades e adentram o ciberespaço. O "Ser algo/alguém" de cada indivíduo tem sido inscrito em meio aos diversos hiperlinks que povoam o mundo virtual. Mais que meio de produzir um auto retrato, a internet mostra-se como uma porta para as relações, e a fuga de territórios alheios aos interesses de cada indivíduo.

A estruturação do trabalho faz-se de modo a permitir ao leitor se situar historiograficamente acerca do enquadramento que o tema abordado possui dentro das perspectivas históricas no campo das ciências humanas. Em nosso primeiro capítulo tratamos das questões epistemológicas da pesquisa, abordando estudos ligados aos fenômenos comunicacionais, bem como nas discussões sobre Gênero enquanto espaço de discussões históricas. No segundo capítulo trazemos uma análise da resignificação das práticas sociais a partir do uso de meios virtuais, notando como se dá a reinvenção do homem contemporâneo; analisamos ainda o modo como a interação do Eu com o outro interfere na construção de identidades sobretudo em um ambiente online. O terceiro capítulo analisa a inserção de LGBTs no ciberespaço, trazendo ainda análises do Blog Sapatômica, visando encontrar no discurso deste, os aparatos utilizados no tecer de sujeitos, traz ainda a fala de leitoras do Blog e suas impressões sobre a relação daquilo que é vinculado no Blog e o que é vivenciado e sentido por estas em seu dia-a-dia.

1. Historicizando o objeto: O poder do discurso na construção de sujeitos

Pode-se perguntar onde a História é alocada em meio a temas tão contemporâneos? É importante notar o impulso que tem ganhado a História Imediata ou História do Tempo Presente no campo historiográfico. Dando preferência ao termo "imediata" levando em conta o dito por Bloch (2001) em Apologia da História no qual trata o presente enquanto inexistente se notarmos que cada ato praticado pelo indivíduo torna-se fato passado, propondo assim que não existe o presente apenas o devir. Posto isso notaremos que o trabalho historiográfico dota o historiador da função de dar sentido a seu objeto de pesquisa e tornar inteligível a compreensão das relações do homem em sociedade, ainda que esta lhe seja contemporânea, o historiador atuará deste modo em duplo papel como testemunha de um tempo, e como crítico do mesmo. CHAVEAU (1999, p.33) pontuará como as "lições epistemológicas da história do presente e a evolução do contexto histórico da percepção imediata da história" nos permite entender a possibilidade de pensar uma história do Presente enquanto reflexo da evolução do trabalho historiográfico.

Ser um homem/mulher de seu tempo é entender que as formas de vida, as concepções e construções de identidade se transformam ao longo dos anos de acordo com modos de comunicação e socialização de forma geral. A chegada da luz elétrica, por exemplo, representou um avanço e tanto para sociedades de séculos passados, o movimento do trem fez com que a vida se desse de forma mais acelerada, o telefone já não deixava os enamorados tão distantes. E ao longo destas falas poderia o leitor se perguntar, o que tais eventos têm a ver com a abordagem pretendida com o presente trabalho que versa sobre a construção de Identidades a partir de uma leitura do Blog Sapatômica? Eis aqui nossa forma de justificar o porque da importância e relevância de um tema como este.

A um historiador dos anos 30 do século XX seria irrelevante, inviável, melhor dizendo, impossível falar de um tema como este, é por esse motivo que observamos naquele momento escritores falando dos meios de comunicação de sua época. Com grande surpresa na agilidade da comunicação a partir do advento das linhas telefônicas, por exemplo. Quão incrível e fantástico pessoas a longas distâncias fazerem-se presentes ao girar da manivela. Que diremos nós, contemporâneos de

um tempo de instantaneidade de presenças, forjadas, mas ainda assim sentidas, por meios tecnológicos. Com a rapidez de um clique é possível entrar em contato não só com alguém do extremo norte ao extremo sul do país, mas dos extremos do Globo.

Discursos soltos em rede fabricam identidades. Em um universo mosaico onde a diferença bate à porta e invade por meio de janelas o dia a dia de diferentes grupos que congregam valores comuns e tornam-se comunidades que buscam na internet o espaço livre onde podem se encontrar e se construir como bem entenderem enquanto sujeitos.

A sociedade se modifica a cada dia, a internet, sob a forma de redes sociais diversas é uma realidade, muito presente no dia-a-dia de jovens, crianças e adultos. Propomos desse modo uma análise à luz dos métodos comuns a história, de um tema da atualidade que afeta uma parcela da comunidade geral. Notando nesta comunidade à parte, mas ainda assim contida na sociedade em geral, que ao longo de seu trajeto de construção de sujeitos vai arquitetando, dentro de uma sociedade heteronormativa, formas de burlar a ordem vigente, contribuindo na construção e ressignificação de identidades subalternas, que tidas como marginais, são colocadas em tal posição e são silenciadas em relação às demais. Usando como meio o arcabouço tecnológico e suas subdivisões direcionadas a diferentes segmentos da sociedade, vão deste modo, encontrando no processo de virtualização ferramentas de se reafirmar e criar vínculos construindo comunidades no ciberespaço.

O fazer da história é lacunar por natureza, à medida que se abre uma trincheira do horizonte do factual, do histórico ou historicizante, também lacunas são deixadas ao longo do caminho. Assim como a sociedade da contemporaneidade tem se mostrado cada vez mais abrangente, a história necessita de mesmo modo tornar-se mais abrangente e responder questionamentos diversos, nas mais diversas áreas. É pensando desse modo que tomamos como viável e mesmo necessário, dar visibilidade a esse extrato da sociedade, por muitas vezes marginalizado, com suas vozes caladas e suas emoções “guardadas no armário” que ganham na Rede a oportunidade de se reconhecerem enquanto sujeitos dotados de emoções como qualquer outro, agora desprendidos das amarras sociais que estabelecem o jeito ideal de se portar em sociedade.

É importante apontar ainda a invisibilidade vivenciada por mulheres Louro (1997) aponta o modo como na sociedade ocidental moderna o padrão homem branco, heterossexual de classe média, cristão tem prevalecido. O que torna os outros, que não integram este modelo, sujeitos silenciados. Mulheres são postas em segundo plano. A quebra com o modelo hegemônico empurra os sujeitos para o silêncio, estudos sobre mulheres começam a despontar a partir dos anos 1980, quando se começa a trabalhar com maior afinco a História das Mulheres. Desde então, muitos outros estudos estão sendo propostos e a cada dia se trabalha com maior maturidade o feminino; estudos sobre gênero têm procurado quebrar com a binaridade masculino X feminino, em que o masculino tem sido usado como o referencial de modo que aquilo que não é masculino é nesse caso feminino. Tende-se a criar uma identidade feminina, lésbica, etc. Mas sobre quais referenciais esta é construída? Louro (1997) reforça a ideia de que o feminino é costumeiramente em nossa sociedade constituído a partir do masculino, o que tende a reforçar a hierarquização tão presente nos discursos.

Sendo pois, a proposta primeira deste trabalho analisar a construção de identidades a partir do Blog Sapatômica. Observar neste, a criação de um terceiro lugar, onde os indivíduos encontram material direcionado a diversas demandas. Onde mulheres que sentem atração por outras mulheres, até certo ponto sentem-se representadas e encontram neste ambiente um lugar onde não se sintam nos dizeres das leitoras do blog "ETzinhos". Quantos contos de fadas tiveram que sofrer adaptação para que se tratasse de dois príncipes que se amavam, ou duas princesas que se amavam. A abordagem que o Sapatômica traz de temas cotidianos causa em uma de nossas entrevistadas a sensação de pertencimento, "ela tem a ver com cotidiano, **com a minha vida e principalmente a minha orientação sexual**, então até as piadas, coisas como filmes também então **isso me interessa**" (L.O 27 de Abril, 2016) No caso de um Blog voltado ao público gay, seja ele masculino ou feminino, o produto final será sempre para um público pré-determinado. Analisar o caminho percorrido pela ciência história nos leva mesmo a vislumbrar um panorama das ciências humanas de uma forma geral. A interdisciplinaridade, a mudança nos métodos de análise, abordagens repaginadas, conceitos tomados de empréstimo de outras áreas tais como a sociologia, psicologia e linguística.

O desafio lançado à história pelas novas disciplinas assumiu diversas formas, umas estruturalistas, outras não, mas que no conjunto puseram em causa os seus objetos_ desviando a atenção *das hierarquias para as relações, das posições para as representações_* e as suas certezas metodológicas_ consideradas mal fundadas quando confrontadas com as novas exigências teóricas. (CHARTIER, 2002, p.14)

As novas exigências metodológicas colocam em xeque os objetos de estudo da história acarretando mudanças no foco das pesquisas históricas aproximando-se das primeiras correntes historiográficas dos Annales. Em meados do século XX correntes historiográficas tipicamente estruturalistas dão lugar às pós-estruturalistas e abordagens de aspectos do cotidiano, sociabilidades, sensibilidades que englobam relações voltadas às esferas privadas, das subjetividades. Aspectos tais ganham lugar equiparado a assuntos ligados ao campo econômico, social e político das relações humanas abrindo o leque do historiador e incumbindo-o de atentar a conceitos antes irrelevantes à pesquisa histórica trabalhando sob uma perspectiva de análise dos discursos e das representações construídas em torno de sujeitos e mesmo de grupos, atentando para que:

As lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio. Ocupar-se dos conflitos de classificações ou de delimitações não é, portanto, afastar-se do social como julgou durante muito tempo uma história de vistas demasiado curtas, muito pelo contrário, consiste em localizar os pontos de afastamento tanto mais decisivos quanto menos imediatamente materiais. (CHARTIER, 2002, p. 17)

Ora, entender as representações sob o entendimento de Chartier (2002) é notá-las enquanto categorias mentais que são incorporadas e geram delimitações e caracterizações de grupos. São as representações responsáveis por forjar a realidade social e mesmo definir as identidades, usadas no plural por se tratar da sua própria identidade, do ser consigo, bem como das múltiplas identidades do(s) outro(s). Ao falar de representação caminha-se para um conceito caro ao presente trabalho, Identidade. Conceito este que, quando pensado sob a ótica pós-moderna nos leva a constatações plurais, desde identidades a representações do sujeito que

utilizando artimanhas toma pra si fachadas que segundo Goffman (2002) se trata de “equipamento empregado pelo indivíduo durante sua representação”.

Desse modo a identidade tende a variar em cada representação do indivíduo. Termos como fixidez, solidez, uniformidade; são características cada vez menos comuns na sociedade atual. Em meio ao turbilhão de informações lançadas ao ar, de conceitos criados e elencados na rapidez e fluidez das relações, falar no singular, torna-se cada vez mais problemático. A pluralidade de conceitos implica desse modo a pluralidade na própria colocação verbal destes. Não se fala mais em comunidade, mas em comunidades. Não mais Identidade, mas identidades. Modernidade, mas modernidades. À medida que valores culturais são descobertos, notória se torna a variedade de relações humanas existentes. O campo de pesquisa vai se expandindo e cada vez mais se produz conhecimentos que se relacionam e por meio de um jogo criam novas verdades epistemológicas.

Cada recorte passível de análise trará novas concepções acerca de si mesmo, o modo de pensar os inúmeros subgrupos que compõem a sociedade nos levará a novas constatações. A desnaturalização, conceito caro à análise da sociedade sob a ótica historicizante, surge aqui como elemento fundante para se fazer uma análise dos conceitos de “Gênero” e “Identidade” bem como dos pressupostos que permeiam tais concepções. Hall (2014) sustenta a ideia já trabalhada no que tange à pluralidade, portanto, variedade, pulverização, fragmentação da Identidade, quando esta proposta está baseada em pressupostos pós-modernos.

Esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceitualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. (HALL 2014, p.p 11 e 12)

A identidade não se trata pois, de algo fixo e essencial, trata-se antes, de algo que se define historicamente e mesmo culturalmente. Falar em algo histórico e culturalmente construído nos permite lançar o olhar sobre as diversas concepções aparentemente naturais de diversos conceitos. Dos papéis associados a diferentes indivíduos em uma sociedade, a exemplo dos padrões de feminilidade e masculinidade por exemplo. Padrões estes, construídos, e identidades que são

forjadas. Ao nascer qualquer indivíduo tem como premissa o fato de ser humano, é fácil notar este elemento como característica comum aos indivíduos, independente de sua nacionalidade, localização geográfica, sexo, posição social. Ao nascer sabe-se que há vida, as conceituações por que vai passar o indivíduo são sempre a posteriori.

Propõe-se pensar a Identidade ao modo de Heilborn (1996) em Ser ou estar homossexual: dilemas de construção de identidade social, onde a autora nos leva a compreender a identidade social enquanto um conjunto de marcas sociais que posicionam um sujeito em um determinado mundo social. Marcas essas que longe de serem estáticas têm como referência três noções, a de inserção numa estratificação social, a de negociações contextuais, e da articulação da imagem de si e a relação com o outro. “Nesse sentido, a identidade social constitui-se na atualização de princípios de classificação social ordenados por valores que fabricam e situam os sujeitos.” (Heilborn, 1996, p.137) Classificações estas que podem ser mais ou menos aceitas pelos sujeitos do discurso, ao passo que muitas das vezes são estes traços impostos e não necessariamente aceitos pelos que são classificados.

Como nota-se ao longo da discussão colocada até aqui, a identidade se trata em tais perspectivas de algo dinâmico, construído em movimento coberto de marcas, por vezes de identificação outras de diferenciação. A construção de signos, significações são algo latente nas representações e construções por que passam os sujeitos. No que se refere a construção das diferenciações de gênero ao debruçar-se sobre análises a respeito da construção dos discursos que envolvem tal fenômeno nota-se sob a ótica de Costa(1996) o modo gradativo com que se dá a construção do ser homem, e do ser mulher. Com base no discurso científico em que Macho/ fêmea eram categorias que caminhavam juntas, One sex model (um modelo de sexo) em que mulheres eram homens invertidos e tinham sua anatomia semelhante à do homem porém internamente, tratava-se portanto de um sexo apenas, porém com manifestações distintas. Até o desenrolar da ideia do Two Sex Model (dois modelos de sexo), que elencava homens e mulheres como sexos *distintos*, cada qual com suas peculiaridades exercendo porém o homem, posição de superioridade em relação à mulher.

Louro (2000, p. 9) afirma que: “Os grupos sociais que ocupam as posições centrais, “normais” (de gênero, de sexualidade, de raça, de classe, de religião etc) têm possibilidade não apenas de representar a si mesmos, mas também de representar os outros.” A representação do outro passa pelo processo de construção discursiva. A partir da forma como se moldam tais discursos que circulam entre o si, consigo e com o outro, notamos as diversas influências externas ao sujeito que moldam a forma como este se encontra no mundo e é encontrado, como este se representa por meio do discurso, mas também como o discurso representa este.

De tal modo pretendemos questionar as falas propagadas no Blog citado, tomando mão de conceitos sociológicos ligados aos fenômenos que envolvem o processo comunicacional inerente à vida humana, visando observar nos ditames de comportamentos do sujeito pós-moderno uma nova configuração histórica do ser lésbica em tempos de internet. Do ponto de vista estritamente técnico, serão analisadas matérias do Blog “Sapatômica”, que tem desde conteúdos polêmicos, a conteúdos ligados ao dia-a-dia, bem como matérias que utilizam dos estereótipos associados ao ser lésbica. Somado a isto e visando uma melhor compreensão, de como o discurso do Blog atinge seu público alvo, contaremos também com entrevistas com leitoras

1.2 Desnaturalizando e Construindo: Uma breve análise sobre as Questões de Gênero e Identidade Sexual.

Optamos usar neste tópico a ideia de desnaturalização para fomentar a discussão que se segue por estar de acordo com a postura de Louro (1997) de que papéis sociais são construídos, e não tidos naturalmente, prontos e acabados. Há um consenso entre os historiadores da concepção de que abordagens ligadas às questões de gênero possuem suas raízes na história do feminismo. A mulher a muito colocada em segundo plano com direito a apenas papéis coadjuvantes, começa a ganhar destaque nas perspectivas ligadas ao movimento feminista, tratava-se de uma história politizada. Quando se trabalhava o tema mulher, era comum a associação do ser mulher com as atividades que elas desempenhavam, começa-se então a falar de uma história muito das “coisas que mulheres fazem”,

que conseqüentemente seriam as que homens não deveriam fazer. O que causa de certa forma, uma “guetização” do lugar da mulher. Tal caracterização de papeis e, por conseguinte:

a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou se pensa sobre elas **que vai constituir, efetivamente**, o que é feminino ou masculino em **uma dada sociedade e em um dado momento histórico**. (LOURO, 1997, p.21) (grifo nosso)

Como afirma a autora, a construção de papeis está longe de ser algo natural, ou desvinculado de uma cultura, o discurso cria os sujeitos e forja identidades, que assumem o caráter móvel já proposto por Hall (2014), as identidades na pós-modernidade ganham um caráter móvel, caráter histórico, haja vista, se tratar de uma construção histórica que usa o discurso, ou seja, a linguagem para se manifestar e produzir sujeitos, no constante jogo de identidade e diferença, entrelaçando poderes; os estudos sobre Gênero que em sua gênese tratam-no atrelado ao político passam a ter vida própria e não ser pensada enquanto uma categoria auxiliar, que deve ser entendida em consonância com outras demandas, mas, como uma categoria autônoma, uma categoria passível de historicização que articula poderes em seu interior que interferem e compõem a esfera social. As identidades apresentam-se como, ou “são atravessadas por diferentes discursos, símbolos, representações e práticas, **construindo os sujeitos como masculinos ou femininos**, arranjando e desarranjando seus **lugares sociais**.” (LOURO, 1997, p.28) (grifo nosso)

O paradigma de uma história voltada ao político, como a de caráter marxista, que coloca os sujeitos dependentes de estruturas, a partir dos anos 1990 começa dar lugar a perspectivas mais desligadas das estruturas e voltadas ao sujeito, a sua estrutura psíquica. Não se busca mais uma história de estruturas isoladas, que externas ao sujeito têm vida própria, e se comportam como uma ilha, sem interligações. Os estudos historiográficos a partir dos anos 90 analisam o sujeito como influenciado e influente nas relações sociais que se desdobram no seio da sociedade. Analisar a sociedade de forma demasiadamente geral, sufocaria os indivíduos que estavam fora da norma, e que portanto, não figurariam no cenário histórico, bem como focar apenas no sujeito, faria da História uma ciência de vista demasiado curta, além de guetizar os sujeitos; observá-los desconectados da realidade que os constitui enquanto sujeito e que é constituída por estes.

A linguagem é, seguramente, o campo mais eficaz e persistente — tanto porque ela atravessa e constitui a maioria de nossas práticas, como porque ela nos parece, quase sempre, muito ‘natural’.[...]A linguagem não apenas expressa relações, **poderes, lugares**, ela os **instítui**; ela não apenas veicula, mas **produz e pretende fixar diferenças**. (LOURO, 1997, p.65)

É interessante notar como nos mostra Louro (1997) o poder que a linguagem possui, e é na linguagem que discursos são propagados, de disseminar discursos responsáveis por instaurar verdades, incluir/excluir sujeitos. Para Bakhtin (1992) o enunciado, que sendo uma parte do discurso, surge da atividade mental. De modo que analisar um discurso é entender a mentalidade dos que produzem e recebem tais discursos, é entender, e ir a fundo desmembrando as palavras que para além de letras organizadas de forma inteligível, são partes que formam um sentido. Desnaturalizar discursos parte também para a quebra de expressões cristalizadas que têm sutilmente encrustado pensamentos que não são neutros e criam verdades, tais quais a do papel secundário da mulher na sociedade. Rosa Maria Oliveira (2009) afirma que:

O estudo de gênero e sua compreensão surgem pela forma como **a cultura expressa as diferenças entre homens e mulheres** e de que modo a caracterização das diferenças inerentes ou aprendidas entre os sexos pode servir como **ponto auxiliar para compreensão da exclusão das pessoas que vivem a experiência homoerótica** como entes capazes de direitos e obrigações (OLIVEIRA, 2009, p. 161). (grifo nosso)

O ser homem ou mulher em uma sociedade bem como a masculinidade e feminilidade respectivamente associadas a tais sujeitos passa por um processo cultural e social de construção e que coloca estes sob uma obrigatoriedade de seguir padrões. Ora cabe ao macho a responsabilidade de manter/estabelecer padrões masculinos/masculinizante de comportamento, para que torne-se homem. Importa notar de mesmo modo que “todo ser humano do sexo feminino não é, portanto, necessariamente mulher; cumpre-lhe participar dessa realidade misteriosa e ameaçada que é a feminilidade.” Beauvior (1980) nos faz refletir, sobre a ideia de humanos que se constroem homens e mulheres, segundo os padrões (construídos culturalmente) de masculinidade e feminilidade.

Nenhuma identidade sexual – mesmo a mais normativa – é automática, autêntica, facilmente assumida; Nenhuma identidade sexual existe sem negociação ou construção. Não existe, de um lado, uma identidade heterossexual lá fora, pronta, acabada, esperando para ser assumida e, de outro lado, uma identidade homossexual instável, que deve se virar sozinha. Em vez disso, toda identidade sexual é um construto **instável, mutável e volátil, uma relação social contraditória e não finalizada** (BRITZMAN, 1996, p. 74). (grifo nosso)

Quando analisamos a fala da autora acima notamos o caminho que os teóricos aqui apontados tendem a seguir quanto a discussão de questões identitárias de uma forma geral partindo porém da identidade homossexual, para entender a construção de todas outras identidades possíveis. Britzman (1996) pontua a instabilidade, mutabilidade, volatibilidade como características presentes no processo de construção de uma identidade, seja ela normativa ou desviante.

Quando questionadas sobre o que é ser lésbica as entrevistadas afirmaram o seguinte:

Ser lésbica pra mim é **sentir-se atraída emocionalmente e sexualmente**, ao mesmo tempo ou não, por uma mulher. A **construção** de uma identidade lésbica passa desde da performance de gênero, desejo, sentimento. (M.M 18 de Abril, 2016) (grifo nosso)

Ser lésbicas não é nenhum bicho de 7 cabeças. É **ser mulher que gosta de mulher**. Pelo menos pra mim, não perco a minha identidade de sexo. Muito menos padrões de beleza... É só ter uma posição diferente. Ngm nasce mulher ou homem ou lésbica ou gay. Tudo isso **se constrói**, a uma influência grande na criação na convivência, entre amigos e tudo mais.... Considero muito nas teorias de Freud. Mas que jamais seria um distúrbio ou doença. Externo influência, e o interno molda as nossas percepções. (L.O 27 de Abril, 2016) (grifo nosso)

Acho que ser lésbica **vai muito além do fato de você se relacionar com outra pessoa do mesmo sexo**. É **uma construção** no fim das contas, para você dizer “sou lésbica”. Entra em jogo muitas coisas para chegar a esse ponto. Acho que uma das principais é **sentir-se pertencente a uma “comunidade”** Ter amigxs primeiro que te façam entender que ser gay é normal e ir construindo, ir se fazendo. Claro, como mencionei antes também passa pelo ponto “consumir produtos (culturais) LGBT”, acho que o próprio acesso a páginas voltadas a esse público também contribui nessa construção. **Ir a festas, manter vínculos, entrar em grupos no Facebook...** Mas mais do que tudo, acho que para essa identidade ir se formando é necessário também um **autoreconhecer-se** e um reconhecer também pelo meio. Muitas vezes rola aquela coisa de dizer: **“aquela menina é lésbica (ou sapatão!! – mais usado) pelo jeito de se**

vestir, de se portar, acho que tudo isso é muito relativo. Embora, também ache que isso faz um pouco de sentido, meninas gays têm mais liberdade, acho que são mais despidas de alguns formalismos e caixinhas. Vai ser questionável isso que vou dizer: mas, por que não dizer que lésbicas são mais empoderadas?! Acho que é um pouco por aí. (D.S, 14 de Abril, 2016) (grifo nosso)

Ao longo das entrevistas realizadas há um traço comum a todas entrevistadas, a ideia de construção, extremamente apontado por teóricos e que tem se mostrado recorrente no imaginário de lésbicas. Dentro do processo de construção identitária a categorização se mostra como traço presente e segundo Facchini (2005)

a especificação de **categorias como lésbicas**, travestis e transexuais pode ser compreendido como escolhas, feita a partir de um leque de possibilidades – que com o incentivo da globalização e da grande circulação de informações, passam a trazer referências criadas em outros contextos culturais ou no âmbito de iniciativas de outra natureza [...] Há um processo de **resignificação** e um contexto político- cultural local que permitem a **demanda por novas categorias ou estilos** e que influenciam a apropriação de determinada categoria ou estilo e não de outra (FACCHINI, 2005, p. 181).

Tal demanda por novos perfis e novas categorias como constructo da resignificação identitária apontada por Facchini (2005) mostra-se como traço recorrente na dinâmica da construção da Identidade, seja esta étnica, religiosa, política e sexual. Com maior ênfase à identidade homossexual, notamos de forma empírica sob a análise do Blog Sapatômica a resposta às demandas apontadas pelo autor. Em que é possível notar, a categorização e a variedade de estilos possíveis de lésbica. Algo que será analisado com mais afinco ao longo do capítulo três.

2. Identidades em rede: a ressignificação de práticas sociais no mundo virtual

Ao longo de sua história o homem desenvolve ferramentas comunicacionais as mais diversas; utilizando-se dos objetos aos quais tem acesso vai ao longo do processo de construção de seus modos de vida adequando-se e criando meios facilitadores ao seu cotidiano. Gestos, pinturas, ritos comuns desde as sociedades tribais funcionaram como uma das tantas formas de representação, de expressão de sentimentos, sejam estes de pertencimento, seja a profunda necessidade do homem de comunicar ao outro a sua existência. Sinais de fumaça utilizados por sociedades tribais, como forma de veicular informação, auxilia-nos na percepção de como o ser humano cria ferramentas comunicacionais, adaptadas a uma dada época no seio de sociedades. No caminhar da humanidade observamos a emergência de novas técnicas que, assimiladas e analisadas, dão lugar a tecnologias que promovem mudanças nas interações sociais, nos modos de se fazer ouvido e notado.

A sociedade à medida que muda suas práticas sociais e as ressignifica dia a dia, traz a tona maneiras particulares de se socializar. Desde o advento do computador e posteriormente da internet bem como dos aparatos tecnológicos que a acompanha, as relações sociais têm tomado novos contornos. A sociabilidade, elemento intrínseco às relações humanas, que envolve compatibilidades, sentimentos em comum, compartilhamento de anseios e confluência de valores, ganha de igual modo novos rumos, novos caminhos a seguir, novas rotas a serem traçadas, novos ambientes a habitar.

Uma vez repartida em comunidade(s) diversa(s), a sociedade pode assumir o sentido de comunidade imaginada, preconizado por Bauman (2003). Ganhando status de lugar cálido e aconchegante, onde iguais se entendem, amenizam conflitos e protegem-se mutuamente. É válido ressaltar ser este conceito, de comunidades imaginadas, já pensado pelo historiador das mentalidades Benedict Anderson (2008) em seu livro de mesmo nome, *Comunidades Imaginadas*. Uma obra que constrói o conceito segundo outras premissas diversas daquelas apontadas por Bauman. Anderson elabora o conceito de comunidades imaginadas a partir da noção de construção política e ideológica das diferenças entre comunidades, leia-se aqui países, regiões, continentes, grupos étnicos, etc. Leitura também marcante em Said

(1990). A comunidade é, portanto, uma forma de reconhecer-se no outro, dividir espaços, experiências, afetividades e construir identidades para si e para o outro, sem o qual não existiria.

A internet e a subsequente criação de comunidades virtuais, traz os aportes necessários para a construção de uma via alternativa da comunicação onde cada indivíduo tem a liberdade de escolher o site que melhor convém as suas necessidades pessoais, atuais, sociais, culturais e identitárias, ainda que transitoriamente. Os “Multi User Dimensions” ou “Multi User Dungeons” MUDs, são áreas que possibilitam entrar em ambientes virtuais e conversar com outros usuários, podendo criar suas próprias salas, bem como assumir personagens diversos. São estes segundo afirma Castells (2003, p. 48) “o domínio privilegiado para a representação de papéis e identidades falsas.”

A apropriação da capacidade de interconexão por redes sociais de todos os tipos levou à formação de comunidades on-line que reinventaram a sociedade, nesse processo, expandiram espetacularmente a interconexão de computadores, em seu alcance e em seus usos. Elas adotaram os valores tecnológicos da meritocracia, e esposaram a crença dos hackers no valor da liberdade, da comunicação horizontal e da interconexão interativa, mas usaram-na para sua vida social, em vez de praticar a tecnologia pela tecnologia. (CASTELLS, 2003, p.53)

Comunicação horizontal porque não há hierarquia da fala, há um mesmo peso e uma mesma medida, todos têm o direito à voz, e todas as vozes podem ser ouvidas. As redes sociais se mostram como palco de interação, devido à maior liberdade, convergência de interesses, e mesmo anonimato que as relações via internet proporcionam, já que os interlocutores estão protegidos sob o “ecrã” e à frente da tela podem assumir diferentes identidades; estas não estáticas e não acabadas em si mesmas. Do mesmo modo que a sociedade se reinventa, como propõe Certeau (1998), quando aborda as reinvenções do cotidiano (com abordagens de aspectos da vida real, palpável e ordinária dos indivíduos), em Castells (1999) a sociedade ordinária com “astúcia” conceito amplamente trabalhado por Certeau (1998), se reinventa, agora, virtualmente. Não apenas utilizando os meios tecnológicos para a vida social, os indivíduos, levam muito de sua vida social para o mundo tecnológico, habitando o ciberespaço, meio simbólico

de convivência onde sociabilidades se desdobram, personagens se constroem e identidades se forjam.

“Os seres humanos não habitam apenas no espaço físico ou geométrico; vivem também, e simultaneamente, em espaços afetivos, estéticos, sociais, históricos: espaços de significação, em geral” (LÉVY, 1999, p.126). Ao passo em que damos significação a um espaço, damos a ele o motivo de existir, tornando-o um lugar real. O mundo virtual dividido entre a realidade virtual e a atual, mostra-se como ambiente que envolto em dualidades tais como presença/ausência, territorialidade/desterritorialidade, abriga sujeitos que comunicando-se entre si produzem o arcabouço de um espaço simbólico, o dito “ciberespaço”. Pierry Lévy (1999) nos esclarece tal termo:

O termo [ciberespaço] especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informação que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Quanto ao neologismo ‘cibercultura’, especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço (LÉVY, 1999, p. 17).

Quando Lévy (1999) nos fala a respeito do ciberespaço, bem como do potencial de realidade que o envolve, nos apresenta a ideia de virtual sob três aspectos: o técnico, que volta-se à informática, o corrente, que seria a ideia difundida pelo senso comum, e a noção filosófica, que nos interessa e em suas palavras diz que “Em filosofia, o virtual não se opõe ao real, mas sim ao atual: virtualidade e atualidade são apenas dois modos diferentes da realidade.”(LÉVY, 1999, p.47) Como afirma o pensador, do ponto de vista filosófico, o real e virtual não se opõe; atual seria aquilo que cabe dentro de um espaço-tempo, sendo os acontecimentos do ciberespaço desprovidos de tal classificação, perde sua atualidade sem prejuízo de sua realidade, tornando-se virtual mas não irreal. O Ciberespaço é ainda, segundo entende o sociólogo inglês Mark J Smith apud Recuero (2009) algo que “está mudando a física social da vida humana, ampliando os tamanhos e poderes da interação social”.

Pensando o mundo sob uma metáfora ligada ao ciberespaço, notaremos que os diversos ambientes dos quais fazemos parte funcionam como janelas que se abrem e permitem ao dono da casa decidir sobre qual saudação usará em cada uma delas. É fácil notar que as comunidades virtuais, abrigam diversas identidades tal qual acontece no mundo não-virtual. A comunicação por meios informatizados, cria mais que um elo, ou, um caminho/meio pelo qual se chegam informações, ela transforma a maneira de se relacionar, ao passo que ganha status de lugar; de um “terceiro lugar”² onde interações sociais se desabroçam. As interações antes guardadas para serem usadas em ambientes concretos/palpáveis, muitas vezes reservados e secretos, com o advento dos tempos modernos adornados de som e fúria³, deram ao espaço virtual (habitado por sujeitos sociais) a oportunidade de se tornar palco de atores do cotidiano na busca pela interpretação mais adequada ao seu roteiro.

Castells (2003) afirma ser a “rede” o resultado de escolhas e estratégias dos indivíduos que montam sua própria rede de convívio no meio virtual; Simmel (2006) diz ser instintos os mais diversos, típicos do ser humano, responsáveis por criar e/ou mediar a relação de convívio e o desenrolar das sociabilidades. Quando associamos tais pensamentos temos a noção de como a internet, já vastamente analisada nos estudos de comunicação, torna-se campo de análise dos comportamentos humanos. Palco de atores sociais, onde se desdobram lutas sociais e relacionamentos afetivos; trata-se ainda de um ambiente que promove ou permite visibilidade a grupos, sobretudo, minoritários.

Semelhante a uma ágora pública⁴ em que troca-se experiências, expressa-se inquietações e compartilha-se esperanças; como nos fala Castells (2003) a internet assume tal papel na vida cotidiana das relações que se desdobram no ciberespaço. Os modos de vida têm se tornado cada vez mais globalizados/globalizantes. A agilidade da comunicação, agora instantânea, tem transformado o modo de se relacionar/comunicar na sociedade, que agora funcionando em *redes* de interligações vai montando “teias”⁵ que se unem e dão forma ao emaranhado da

² Teoria de Oldenburg (1989)

³ Leia-se um cotidiano de atropelos, seja do tempo, seja de acidentes(em seu sentido real) e violência desenfreada que permeiam o cotidiano do homem moderno.

⁴ Praça principal das antigas cidades gregas onde ocorriam assembleias do povo

⁵ “A teia mundial da informação”, termo de MacLuhan parafraseado por Castells (2003) em Galáxia da Internet

comunicação. Adicionar uma nova localização, ainda não usada em uma rede social, criar um novo local para sinalizar onde a foto foi tirada, é como lançar sinais de fumaça e dizer que naquela “cidadezinha” do interior onde o Google Maps ainda não passou, há alguém que quer comunicar ao mundo onde está.

Fronteiras são quebradas, distâncias são encurtadas e agora contadas em minutos não mais em quilômetros. A sociedade vai ganhando velocidade em suas relações, amplitude em seu alcance à medida que virtualiza-se. “A invenção de novas velocidades é o primeiro grau da virtualização” (Lévy, 1996, p.23) desse modo os usuários da rede mundial de computadores dão um novo retrato à vida em comunidade agora exposta à liberdade, rapidez e fugacidade das relações online.

A ruptura com as tradicionais formas de relacionamento, sobretudo, no âmbito comunicacional por meio de interações que constituem e fortalecem identidades existentes ou as reinventa de forma rápida e fluída. Estas encontram na nova realidade da era digital, uma nova forma de ver e viver em sociedade. A interação face a face anteriormente considerada primordial para que houvesse as interações sociais torna-se apenas mais uma das formas de se pôr em prática as sociabilidades. Giddens (1990) atenta para o fato de que:

A sociedade separa cada vez mais, o espaço do lugar, ao reforçar relações entre outros que estão ausentes, distantes (em termos de local) de qualquer interação face a face. Nas condições da modernidade [...] os locais são inteiramente penetrados e moldados por influências sociais bastante distantes deles. (GIDDENS, 1990, p. 18) (grifos nossos)

O público de sites, blogs e afins, bem como usuários de redes sociais com interesses os mais diversos desenvolve sociabilidades, constroem elos que os unem e forma uma teia de comunicação. Os meios virtuais de comunicação, quebram a barreira das distâncias permitindo que o outro que está do lado de lá da tela, possa também expressar suas emoções e percepções no que tange aos assuntos tratados. Quando se trata de ciberespaço, uma palavra que parece dizer muito sobre este é, instantaneidade, para além disto há uma horizontalidade na relação, somados estes dois aspectos que parecem fazer parte daquilo que compõe os relacionamentos online encontramos pessoas a longas distâncias quilométralmente falando,

encontrando proximidade em curtas distancias virtuais. Os sujeitos parecem sair da posição de sujeito passivo da comunicação, e assumem cada vez mais uma postura ativa, interagindo com os produtores de conteúdo. Como pode-se notar adiante quando encontramos leitoras, assumem um papel participativo na produção de matérias, expõem suas opiniões e não apenas leem a matéria do Blog.



Imagem retirada da matéria: “Top 10: Como saber se ela é do babado!” Acesso em 20 de Abril 2016

Observando a forma como as leitoras do Blog se colocam na conversa informal presente nos comentários percebemos o modo fluído das suas identidades ao passo que dizem se encaixar em mais de um dos “tipos de lésbicas” que o Blog propõe caracterizar. Além de ficar claro, a exposição de aspectos íntimos de suas vidas, há uma publicidade de acontecimentos íntimos, há a formação de uma rede de convívio onde lésbicas se abrem e falam de seus dramas pessoais, e de como se sentem frente ao mundo. Sentem-se próximas umas das outras apesar da distância existente entre estas. As influências vêm de longe e o modo de vida na chamada “alta modernidade”, como assim nomeia Giddens (1990), ou a pós-modernidade como outros autores tais qual Turkle (1997) costumam chamar, passa a ter maior mobilidade, flexibilidade e globalidade.

2.1 Construindo Identidades: a relação do Eu com o outro e a interação simbólica do contato online

E no princípio, éramos humanos e isso nos definia, talvez sequer tal definição fosse passível de ser feita. Éramos seres vivos nômades com pouca consciência “humana” que agia por instinto, que aprendera a usar o fogo, moldar utensílios, construir formas de vida adaptadas às necessidades pedidas de cada ambiente. Definição de ser humano, ser indígena, ser brasileiro, ser homem, ser mulher, dentre tantas outras definições dadas a comportamentos, lugar social, lugar geográfico, devem ser pensadas enquanto construções históricas e sociais que ditam o que é ser algo/alguém numa dada sociedade. Integrar um clã nas comunidades/sociedades primitivas dava a segurança necessária em caso de possíveis conflitos, àquela época, armados e violentos. Na contemporaneidade fazer parte de um grupo traz senão a segurança, ao menos a sensação de contar com esta, em meios físicos, sociais, e mesmo simbólicos, como o caso do ciberespaço.

O meio virtual ao longo de sua trajetória, rumo ao cotidiano em sociedade mostra-se terreno fecundo para a construção ou fortalecimento de laços identitários. Num mundo em que a internet se insere como elemento naturalizado no cotidiano das pessoas, nos resta analisar como vem sendo representado o self (auto imagem) do sujeito pós-moderno, que interage em meio à vasta gama de comunidades virtuais.

As fontes culturais da internet não podem ser reduzidas, porém, aos valores dos inovadores tecnológicos. Os primeiros usuários de redes de computadores criaram *comunidades virtuais*, para usar a expressão popularizada por Howard Rheingold (1993/2000), e *essas comunidades foram fontes de valores que moldaram comportamentos e organização social*. (CASTELLS, 2003, p.46)
(Grifo nosso)

Os valores de uma sociedade são responsáveis por reger as relações sociais que se desdobram no seio desta e a torna um palco de representações de identidades, construídas e ressignificadas, apropriadas a cada sujeito social. Para ir além e notar o quão extenso é o leque de possibilidades, fazendo referência ao seu lugar social, seu micro-espaço de influência, onde o indivíduo encenará seu papel (social, cultural, pessoal, afetivo, etc) num dado espaço-tempo. O conceito de Identidade mostra-se como um dos aglutinadores sociais com maior influência em tempos de modernidade líquida (termo baumaniano para designar a dita pós-

modernidade) no qual a busca por refúgios seguros onde iguais se reconhecem está a todo vapor.

Quando Hall (2014) aborda a Identidade do sujeito pós-moderno o analisa enquanto persona descentrada exposta a mudanças ditadas por demandas históricas e sociais. O historiador Eric Hobsbawn afirma que “homens e mulheres procuram por grupos a que poderiam pertencer, com certeza e para sempre, num mundo em que tudo se move e se desloca, em que nada é certo.”(HOBSEBAWN apud BAUMAN, 2003, p.20) E como falar em “para sempre” na sociedade do devir? Como aponta o historiador britânico, vivemos em um mundo onde tudo se move e se desloca, com o movimento ora de fora para dentro, ora de dentro para fora no seio da comunidade; esta se desgasta, se dilacera, se fragmenta encontrando na Identidade, uma nova forma de vida. Saindo da gaveta fixa, fechada, coesa e coercitiva, que eram as comunidades pré-modernas, a Identidade vai desse modo ocupando cabides; móveis, livres e expostos aglutinando valores (também móveis, livres e expostos) configurando desse modo o surgimento não de comunidades em seu sentido primeiro tal qual se falava na modernidade sólida; fala-se desse modo de um novo tipo de comunidade, as **comunidades cabide**.

E no entanto a vulnerabilidade das identidades individuais e a precariedade da solitária construção da identidade levam os construtores da identidade a procurar *cabides em que possam, em conjunto, pendurar seus medos e ansiedades individualmente experimentados* e, depois disso, realizar os ritos de exorcismo em companhia de outros indivíduos também assustados e ansiosos. É discutível se essas **“comunidades-cabide”** oferecem o que se espera que ofereçam — um seguro coletivo contra incertezas individualmente enfrentadas; mas sem dúvida marchar ombro a ombro ao longo de uma ou duas ruas, montar barricadas na companhia de outros ou roçar os cotovelos em trincheiras lotadas, isso pode fornecer um momento de *alívio da solidão*. (BAUMAN, 2003, p.21)(Grifo nosso)

Bauman (2001) narra uma cena cotidiana observando nesta, elementos que permitem exemplificar como tem se dado a “construção” das ditas identidades comunitárias, que configuram o surgimento das *“Cloakroom communities”*_ Comunidades Cabide. Elencando o individualismo, como ponto de partida para tal reordenamento da sociedade em processo de derretimento, ou seja, tornando-se líquida, fluida, o autor polaco aponta o novo arranjo comunitário como algo instável,

momentâneo que responde às necessidades daquele momento. Bauman (2001) usa dos seguintes dizeres referindo-se ao cotidiano de frequentadores de um teatro para exemplificar o modo como se dá a nova forma de identificação comunitária.

É a apresentação noturna que leva todos ao lugar – *por diferentes que sejam seus interesses e passatempos durante o dia.*[...] Depois que as cortinas se fecham, porém, os espectadores recolhem seus pertences do *cloakroom* e, ao vestirem suas roupas de rua outra vez, retornam a seus papéis mundanos, originários e diferentes, dissolvendo-se poucos momentos depois na variada multidão que enche as ruas da cidade e da qual haviam emergido algumas horas antes.[...] *Cloakroom communities* [comunidades cabide] precisam de um *espetáculo que apele a interesses semelhantes em indivíduos diferentes e que os reúna durante certo tempo* em que outros interesses – que os separam em vez de uni-los – são temporariamente postos de lado, em fogo brando ou inteiramente silenciados. (Bauman, 2001, p.228).

Na nova conjectura comunitária, em que se usa a metáfora de cabides para entendê-la, não se busca indivíduos iguais, busca-se antes interesses iguais que unam indivíduos. É acompanhando o ritmo que tem sido ditado na sociedade em seu estágio líquido, respondendo ao individualismo que tem se alastrado no cotidiano dos atores deste espetáculo chamado vida, que se propõe sob esta perspectiva “Baumaniana” unir-se os individualismos, dividir os medos e ansiedades e formar assim uma comunidade heterogênea em sua composição, e homogênea em seus interesses. Usando da mobilidade comum a cabides, com a fluidez e reacomodação da água, o sujeito pós-moderno mostra-se apto a fazer parte de diferentes comunidades, “usando diferentes roupas” em cada uma delas.

Atentarmos às comunidades cabide (termo trabalhado por Bauman como lugar onde os sujeitos “penduram” seus medos e ansiedades) dando lugar às ditas comunidades virtuais de Castells nos leva a conhecer novos aparatos tecnológicos que proporcionam a relação comunitária/identitária que se dá em um espaço isento de território, o dito “ciberespaço”. Assumindo a(s) comunidade(s) dupla função, real e simbólica, Lévy (1999) propõe o virtual enquanto o real desterritorializado. Por ser desterritorializado, o ciberespaço torna todo e qualquer internauta, um cidadão do mundo. O território que explora é, simbolicamente, vasto em sua multiplicidade de formas de vida em sociedade, e do ponto de vista material é limitado, podendo se tratar apenas de um notebook, smartphone, tablet e afins.

As Tecnologias da Informação (TIs), responsáveis por aproximar pessoas distantes (ao menos fisicamente) tem se colocado como catalisador do processo de sociabilidade que permite o desenrolar das relações comuns ao ciberespaço. E aspectos tais quais o movimento, a rapidez, a mobilidade que foram e ainda são características aparentemente caras à humanidade, sobretudo ocidental, seguem dando o tom no dia-a-dia do homem pós-moderno.

Em meio a esta realidade em que cada vez mais as relações se desdobram de forma digitalizada, onde emoções se imprimem/exprimem no teclar de botões, no deslizar de “telas touch screen” cada vez mais o virtual se expressa enquanto realidade, que se atualiza a cada visualização de mensagens trocadas. Quando Lévy (1999) aborda tal processo, da virtualização das formas de vida, nota que como reflexo da virtualização haverão sempre “excluídos”. A medida em que navega-se no universo oceânico do virtual deixamos para trás ou pelo menos de lado, todo um continente habitado por pessoas que esperam de nós trocas afetivas mais diversas.

3. LGBTs no Ciberespaço: a liberdade de ser quem se é no mundo virtual e de se reconhecer e reinventar a partir de leituras do Sapatômica

Até aqui acompanhamos o entendimento de diferentes teóricos que apontaram os caminhos por onde passaram os fenômenos comunicacionais. Entendidos não apenas em seu aparato técnico de funcionamento, fomos além do arcabouço material que compõe os meios de comunicação (no nosso caso, eletrônicos) e mergulhamos no oceano de subjetivações que é o ciberespaço. Apontamos em direção às identidades que se desdobram no seio de comunidades, desnudamos clássicos que abertos à contemporaneidade adequam-se às novas cenas da comunicação via computador. Bauman (2001) nos fala das comunidades cabide como uma nova configuração da comunidade, adequada ao homem da modernidade líquida. No tópico que se segue, associaremos a identidade, como peça central na configuração das comunidades cabide daqueles que “saem do armário”. Como o público LGBT, sobretudo lésbicas, encontram no ciberespaço ambiente propício à obtenção de referenciais para sua sexualidade? Pensaremos esta, não apenas enquanto prática sexual, mas, nos modos de vida e performatividade diversas que ditam o que é ser lésbica. Ou seria lésbicas?

Marchiori (2004), trata em sua tese da premissa do Ciberespaço enquanto ambiente amplificador de intenções sociais, como ambiente mesmo, em que segmentos da sociedade, com maior enfoque às minorias, encontram espaço aberto para se expressar e criar formas alternativas de viver. Em que é possível pensar de forma empírica os usos da internet (o estar on-line), nota-la enquanto lugar de maior liberdade de expressão em relação ao mundo off-line. Terminologias já bastante utilizadas neste século, “online, off-line, curtir, compartilhar, seguir,etc” nos perderíamos entre os nomes dados às emoções expressas no mundo virtual. A cada dia, do corrido calendário da sociedade contemporânea, novas ferramentas e modos de usar a internet ganham ascensão, levando ao esquecimento ferramentas tecnológicas que em um breve espaço de tempo se tornam obsoletas frente as novas gerações.

A mídia de uma forma geral se mostra como amplificadora de causas sociais diversas. Movimentos contestatórios que por diversos motivos não têm voz nos meios oficiais de comunicação encontram na internet, meio alternativo que a cada dia tem se tornado hegemônico por diversos fatores, um canal de veiculação das palavras de ordem, articulação de ideias e fortalecimento de interesses comuns ao movimento. Com o passar dos anos, a naturalização da internet e a apropriação do ciberespaço, o mundo virtual se torna um lugar comum no qual o mosaico de identidades fragmentadas se deslocam, se constroem, se ressignificam e desse modo são alocadas nas diversas comunidades cabide existentes.

O Ciberespaço sendo espaço onde há velocidade na comunicação, liberdade na expressão e “segurança” na relação, proporciona que o ecrã seja visto como uma blindagem dos medos objetivos que assolam a sociedade, tais qual a violência urbana. Uma realidade contemporânea que assusta diversos extratos da sociedade, com maior enfoque à comunidade LGBT que tem o preconceito como um elemento a mais que os torna alvo de ataques. A realidade virtual traz a sensação de proteção também, para medos subjetivos, no caso de homossexuais, medos tais o de ser descoberto pela família, amigos, chefes (para os não assumidos), medo da violência, não apenas aquela à qual todos estão expostos mas à violência em decorrência de sua condição.

A presença dos gays no ciberespaço pode ser interpretada como resultado de um processo de apropriação das novas tecnologias de comunicação, através das quais se instaura a potência, a vontade de estar-junto, a socialidade de agrupamentos que passam do ambiente *off line* para o *on line* (e vice-versa). (MARCHIORI, 2004, p.119)

Tomando posse dessa presença segura que passa o ambiente online, grupos minoritários que vivenciam um cotidiano de lutas (não apenas ideológicas, mas também e com comprovações estatísticas, lutas físicas) que encaram em seu cotidiano a dificuldade de se colocar em prática o “*Coming out*”⁶ buscam nos meios virtuais o caminho facilitador para os seus anseios, “por ser um meio abrangente, discreto, privado, seguro e que permite intimidade”. (NUNAN apud MARCHIORI, 2004, p.120). Sites os mais diversos surgem em busca de suprir “as brechas” que

⁶ Termo/conceito norte-americano surgido por volta dos anos 1970, como forma de contestação à heteronormatividade, *Coming out* ou “sair do armário” representava dar visibilidade à condição de ser homossexual

seus percussores deixaram pelo caminho no que se refere à identificação e pertencimento.

Optamos por ter como exemplo, o Blog de entretenimento, “Sapatômica”, um Blog direcionado ao público feminino, às lésbicas. Segundo afirma o slogan do Blog “Sapatômica: *o Blog da Mulher Lésbica*”. Tal espaço tem utilidade de entretenimento, com assuntos sobre moda, comportamento, sexo, notícias de interesse do público LGBT, etc. Analisaremos matérias deste Blog, bem como sua aceitação por parte do seu público alvo, a partir de entrevistas com leitoras do blog buscando, notar o quanto este público se identifica com o conteúdo disseminado. Como as matérias publicadas no Blog geram o sentimento de pertença, quiçá, sirvam de referencial para a vida de lésbicas que encontram no ciberespaço, oportunidade de dividir experiências e adotar etiquetas que as sinalizem em meio à multidão, quando isso for necessário.

O Blog Sapatômica, traz em sua configuração matérias intituladas tais como “Ser ou não Ser” em que usando de uma linguagem descontraída, e tomando mão da liberdade de escrita que o gênero jornalístico permite, aponta o “Top 10” dos estereótipos que indicariam o ser ou não ser lésbica em uma mulher. Como vem sendo demonstrado ao longo da escrita, buscaremos analisar a representação do ser lésbica levando em consideração para isso, ir além das práticas sexuais e observar os comportamentos que são assumidos no cotidiano das mulheres que se relacionam com outras mulheres e que são associados e tratados como comuns a uma determinada categorização sexual. Meios de comunicação, religião, diversos fatores sociais, acabam por interferir na construção simbólica de que falamos, a construção em torno de Gênero.

Como proposto ao longo da escrita, afirmamos ser a identidade sexual uma das diversas facetas da identidade social, em uma sociedade. Encontramos na fala da autora a seguir, a sustentação daquilo que afirmamos até então, bem como do que se pretende afirmar nesta pesquisa. “Cumpramos agora identificar os processos pelos quais a identidade sexual constituiu-se na cultura ocidental *uma das dimensões centrais da identidade social das pessoas*” Heilborn (1996, p. 137)

Como fórmula geral, Foucault assinala que a história do Ocidente moderno constitui-se na produção de sujeitos referidos a um conjunto de relações sociais cuja significação emana da emissão de um discurso da verdade sobre si mesmos, verdade essa que se encontra

inapelavelmente no sexo. A metamorfose operada constitui-se na passagem da assim chamada simbólica do sangue para a *analítica da sexualidade*. (HEILBORN, 1996, p.138)

Observamos na fala parafraseada da autora, o modo como na História Ocidental Moderna a sexualidade ganha lugar de destaque em meio às lógicas sociais e relações de poder que se montam a partir de discursos, nunca neutros, responsáveis por criar verdades sobre de si e sobre o outro. Se seguirmos um caminho já percorrido, é provável que não haja apenas “uma pedra no meio do caminho”, mas que haja várias; tal pedra diz respeito aos resquícios, às pistas, sinais dos que passaram por ali. Surge daí a proposta de explorar horizonte pouco explorado no campo da História. Atentarmos a discursos disseminados a respeito de algo, nos leva a entender em maior ou menor grau os próprios sujeitos, seja por meio de congruência de valores que desenvolve a sensação de pertencimento, ou pela divergência que abre brechas para novos caminhos que respondam não de forma definitiva, àquilo que buscam os indivíduos. Entender a lógica que permeia o discurso do blog e a assimilação deste discurso pelo público alvo nos leva a ouvir a fala das minorias bem como analisar os padrões de comportamento que têm ganhado ascensão na sociedade.

3.1 Da Lady à Caminhão: a influência de padrões Heteronormativos na construção dos esteriótipos do Sapatômica.

Voltar os olhos a uma escrita, pede que entendamos que esta é mais que o aglutinar de letras, formando palavras, compondo frases que têm um sentido inteligível. A escrita possui sentidos e direcionamentos e o discurso carrega o poder de desde construir verdades, sujeitos, padrões até manter e levar adiante todos estes. Visto que “a atividade mental, suas motivações subjetivas, suas intenções, seus desígnios conscientemente estilísticos, não existem fora de sua materialização objetiva na língua” (BAKHTIN, 1992, p.188) O discurso desse modo não existe sem a atividade mental, bem como a atividade mental não ganha vida senão pela fala/escrita. No desenrolar da pesquisa notamos o Blog Sapatômica, enquanto lugar permeado por vontades de verdade, assim como exercendo papel importante na construção de referenciais para identidades em contínuo processo de (des)construção. Analisando não apenas o que está escrito mas, o sentido que traz

para a compreensão, visamos sobretudo apontar e compreender como o discurso propagado a respeito de lésbicas, vai moldando o “ser” do sujeito lésbica.

Foucault também efetua uma radical historicização da categoria de sujeito. **O sujeito é produzido “como um efeito” do discurso e no discurso, no interior de formações discursivas específicas, não tendo qualquer existência própria.** [...] os discursos constroem – por meio de suas regras de formação e de suas “modalidades de enunciação” – posições-de-sujeito. (HALL, 2000, p.p 119-120)(grifos nossos)

Ao longo de nossa escrita, nos atemos a notar o quão os meios virtuais de comunicação possibilitam as interações sociais online e têm o poder de aproximar pessoas distantes, de formar uma rede, uma teia que abriga sujeitos que em busca de experiências em comum encontram ambientes, dos que falam a sua língua. Quando usamos o termo língua, não nos referimos à língua em termos de idioma, mas em formas próprias de identificação entre os sujeitos. Se na realidade palpável sujeitos se criam mediante aspectos sociais e históricos que os moldam; de mesmo modo acontece na realidade virtual, ao passo que “Na realidade virtual, moldamo-nos e criamo-nos a nós mesmos.” (TURKLE, 1997, p. 265)

Na realidade virtual não apenas podemos criar aquilo que queremos ser, mas aquilo que o outro deve ser para que se enquadre em determinados padrões. Isso acontece, por exemplo, quando há a criação de perfis e tipos próprios que ditam o que em termos gerais e de forma estereotipada dita o “ser lésbica. Quando diz-se “Sapatômica: o blog da mulher lésbica” cria-se uma identificação, uma categorização entre as mulheres, sabe-se que se trata de um blog para mulheres, mas não é qualquer mulher, trata-se da “mulher lésbica”. Como se torna possível tal identificação desta categoria de mulheres? Tal definição limita-se às práticas sexuais, ou abrange esferas amplas da vida social destes sujeitos?

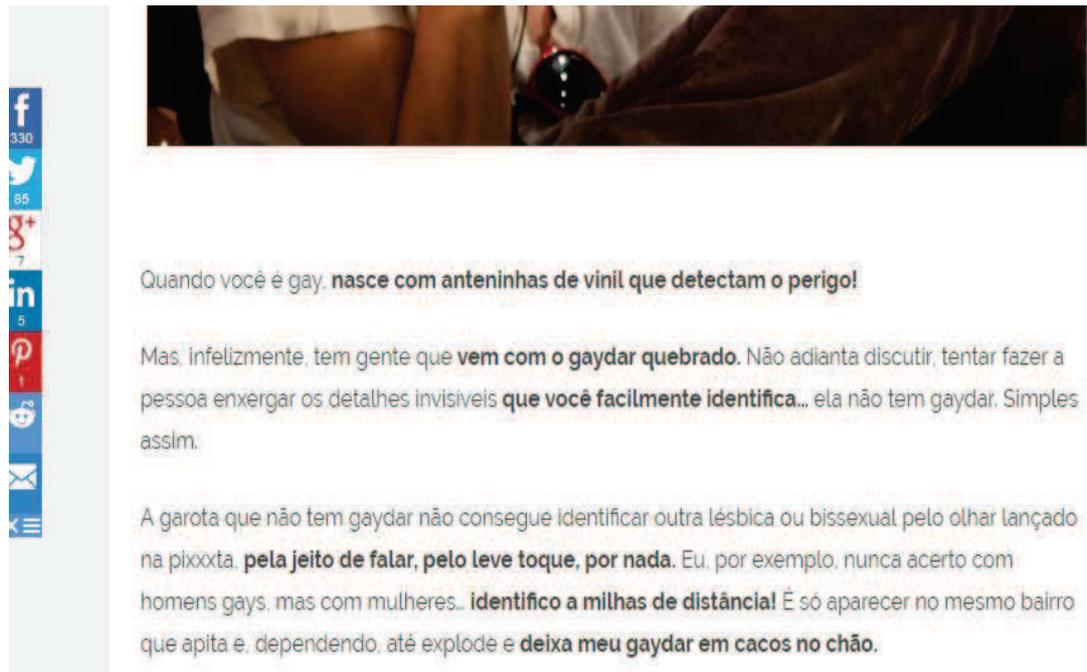


Imagem retirada da Matéria: “Top 10: como saber se ela é do babado” acesso em 27 de Abril 2016

Como bem nota-se no discurso do Blog, é como se houvesse uma receita pronta de como saber- identificar quando uma garota é lésbica, “pelo jeito de falar, pelo leve toque, por nada”. É fácil notar que o ser lésbica está associado a aspectos que vão além da relação sexual em si, parece se referir a posicionamentos do dia a dia, levando a uma relação direta com o que é colocado como comportamento típico de uma lésbica. Ser lésbica segundo coloca o blog é uma forma de estar e se sentir no mundo, é cultural. As vestimentas, o corte de cabelo, o comportamento em público, dizem muito sobre o “ser ou não ser” das lésbicas.

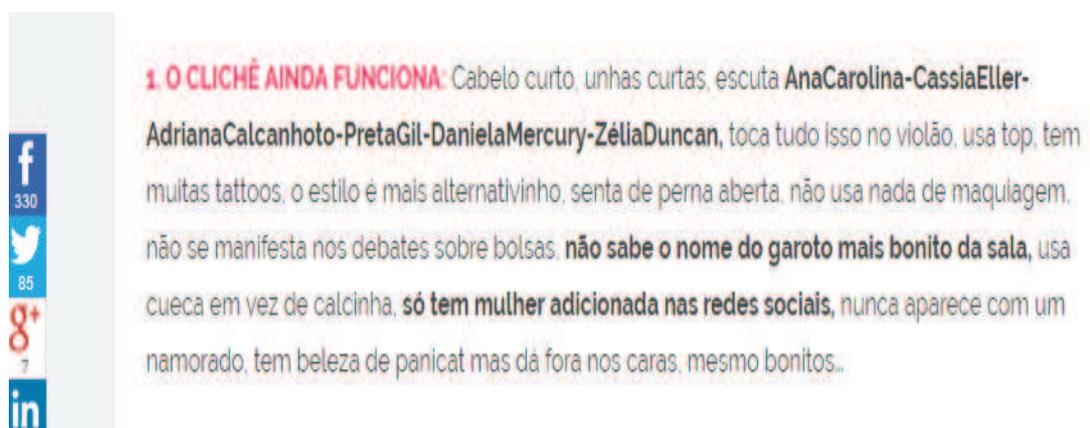


Imagem retirada da Matéria: “Top 10: como saber se ela é do babado” acesso em 27 de Abril 2016



4. OS LUGARES FREQUENTADOS: Toda cidade tem o núcleo gay. Aquele lugar onde os bares, baladas, botecos, lojas, galerias e calçadas são completamente gays. Claro que tem heteros que frequentam baladas gays porque acham divertidas, etc. Mas existe um limite pra isso. **Se ela SÓ frequenta ambientes gays...** não dá pra enganar.

5. ELA FALA O DIALETO: Nós homossexuais temos gírias próprias. Se você ainda não conhece e não usa, ainda vai usar. **Dizer coisas como: Ahaza, se joga, loosho, bee, egípcia, elza,** aquendá, pajubá, picumã, brejo, biscoita, sapatonice, caminhão, dyke, sapatilha, **passiva, ativa, relativa, rasha,** boy/girl, magia, boy/girl magia negra, cêjura, uma thurman, bapho, torta de climão, trocar "x" por "sh", e por aí vai!

Imagem retirada da Matéria: "Top 10: como saber se ela é do babado" acesso em 27 de Abril 2016

Seja pela forma de falar, pelo gosto musical, lugares frequentados, é como se houvesse um jeito próprio-específico de ser lésbica. O Blog cria a ideia de que há uma "cartilha", na qual uma parcela das lésbicas se enquadra e com a qual é possível identificar as "ovelhas negras" desgarradas do rebanho. Ainda que afirme não buscar generalizar, o Sapatômica acaba usando e oferecendo esteriótipos, que tanto podem ser usados por quem está em busca de ferramentas para identificar outra lésbica, como pode ser usado como referência na hora de se mostrar enquanto tal. O blog se apresenta deste modo como uma ponte entre os diferentes "tipos de lésbicas".



7. ELA É 'CAVALHEIRA': Toda lésbica tem esse espírito cavalheiro de **querer levar a bolsa, segurar o peso, dar lugar pra sentar,** abrir a porta, andar no lado de fora da calçada, dar presente, elogiar, comentar que fulana cortou o cabelo e ficou bonito..



Imagem retirada da Matéria: "Top 10: como saber se ela é do babado" acesso em 27 de Abril 2016

O tópico exposto acima aponta comportamentos taxados como masculinos, associados à questão do cavalheirismo (que se trata de uma palavra relacionada a homens) quando associado a mulheres lésbicas, traz a ideia de convalidação do “ser homem é bom”. Ora, se “toda lésbica tem esse espírito cavalheiro de querer levar a bolsa, segurar o peso, dar lugar para sentar, abrir a porta, andar do lado de fora da calçada, dar presente, elogiar, comentar que fulana cortou o cabelo e ficou bonito”, e toda lésbica se relaciona com outra mulher, reforça-se o binarismo de que ainda que sejam lésbicas ou bissexuais, a figura do masculino ainda deve/costuma existir na relação mesmo sendo uma relação entre duas mulheres. Há claramente um jogo de papéis associados ao masculino que se ligam a posturas ativas, ou seja, de alguém que tem a ação, toma atitude, e de alguém passiva (a feminina).

Associar a tomada de atitude à postura ativa adaptando termos usualmente ligados ao masculino, quando toma como “cavalheira” a mulher que desempenha papéis de ação cria-se mais que um neologismo, reitera a construção de sujeitos tomando mão de um discurso continuamente reproduzido, onde a binaridade das relações se mantém, e a heteronormatividade se perpetua ao passo que dividimos sujeitos entre ativos e passivos, os relacionando respectivamente a masculino e feminino. Colocando o masculino como sendo a regra, o positivo.

Muitos aspectos são levados em consideração na construção dos sujeitos e dos relacionamentos que os envolve. Sabe-se que tal qual qualquer outro meio de comunicação que visa atingir determinados públicos, um blog, site ou afim atende a uma demanda. É fácil entender, por exemplo, que um site de esportes tratará com maior assiduidade dos esportes mais procurados por seu público, ou seja, assuntos que geram maiores acessos. Em sites voltados ao público lésbico são recorrentes temas voltados a comportamentos em geral, sempre associados a diferentes tipos de lésbicas e mesmo assuntos ligados à astrologia, como notaremos abaixo.

Se há uma maior oferta de determinado produto, e a comunicação no mundo contemporâneo tem se mostrado como tal, há que se supor a existência de maior procura por ele. Ao entrevistar leitoras do Blog percebemos o lugar de destaque que o tema astrologia ocupa no imaginário destas. Citado por duas das três entrevistadas e apontado como típico das “sapatões” pelo Blog Sapatômica, é válido elenca-lo entre os aspectos que segundo este, o Blog, demarcam a identidade

lésbica. Afirma-se que, “sapatão que é sapatão gosta de signo”, será este traço comum às leitoras do Blog? Qual papel exerce no campo do simbólico e das relações que envolvem os indivíduos? Entrevistadas apontam tal importância e se torna interessante notar tal aspecto como de identificação, como uma das partes “saturadas”, utilizando o termo de Hall (2000), que tece(m) a(s) identidade(s) de tais sujeitos. É da “sensação de pertencimento, ou seja, a “suturação à história” por meio da qual as identidades surgem, esteja, em parte, no imaginário (assim como no simbólico)” (HALL, 2000, p. 109).

AstroMatch: um Tinder de signos!!!



Sapatão que é sapatão. gosta de signo!!! A gente oficializou em reunião formal tempos a.C. com a bancada de representantes LGBT universais. Não adianta negar!

Imagem retirada da Matéria: “Astromatch: Um Tinder de Signos” Acesso em 27 de Abril 2016

O Blog começa a matéria já com tal afirmação, “sapatão que é sapatão gosta de signo”, tema recorrente nas postagens do blog, parece ocupar lugar de destaque na vida de lésbicas. O site aponta com louvor a criação de um aplicativo, que relaciona pessoas de acordo com seu mapa astral, além de possuir uma série de matérias, em que traça o perfil das lésbicas de cada signo. Dentre as entrevistadas há também a citação da influência astrológica, sobre o imaginário lésbico. Quando indagada sobre matérias vinculadas ao site que chamaram sua atenção a leitora *M.M* diz o seguinte:

Sim, tem um post se não me engano que é só sobre, eles traçam muito os posts, tipo de perfil, inclusive **perfil em relação a signo** que é bem típico, que eu vejo da **homossexualidade feminina que eu vejo que essa questão astrológica acaba influenciando**[...] (M.M 18 de Abril, 2016) (grifo nosso)

A entrevistada *L.O* em sua entrevista aponta o elemento signo em sua narrativa quanto à identificação com os perfis vinculados a matérias do blog e diz o seguinte:

Sim, principalmente quando elas fazem a identificação de aquarianas, tipo “as lésbicas aquarianas são o seguinte...” **eu me identifico bastante, por conta de ser o signo o comportamento, as relações, é muito parecido.**(*L.O* 27 de Abril, 2016) (grifo nosso)

E por entre as definições do ser lésbica, é importante que se diga, há várias subdivisões. Não apenas a tradicional divisão, que como dito anteriormente acaba reforçando a binaridade, masculino/feminino. Segundo afirma o blog, e os acessos parecem referendar tal ideia. Não é apenas ser lésbica, é ser ou não ser a ativa que, paga a conta, usa calças largas, cabelo curto e que na cama é quem “come”. Ou a passiva de cabelo longo, vestido, “submissa” e que “dá”. Os termos anteriormente citados são recorrentes no blog na definição dos “tipos de lésbicas”. Como notamos nas falas anteriores, o ser lésbica se torna reticente em meio ao vasto leque de possibilidades, que envolvem tal categoria de mulheres. Analisaremos a seguir a cartilha dos vários tipos de lésbicas assim como referendaremos nossa pesquisa ao pontuar as identificações que tais perfis apontam/criam para as usuárias do blog.



Ativa, passiva, sapatilha, caminhão, bofinho, femme, butch, hard-femme, soft-butch, dyke, relativa, participativa.. São muitos nomes pra definir cada "tipo de lésbica" que existe por esse mundão.

Deixando um pouquinho de lado o ativismo liberal sobre não termos rótulos. Dentre as garotas que acabaram de descobrir sua homossexualidade e as que já descobriram faz tempo, muitas lésbicas ainda não fazem a menor ideia do que significa cada um desses nomes que a gente vive escutando. E, cá entre nós, sem querer eles acabam ajudando bastante na hora de procurar alguém pra se relacionar (seja pro amor ou pro sexo casual).

Imagem retirada da Matéria: 4 Tipos de Lésbica Passiva: da hard femme até a Lady". Acesso em 27 de Abril 2016

O blog elenca diversas características, que julga compor o ser de lésbicas categorizadas, colocados sob duas vertentes que possuem suas subdivisões. Há características fixas, que ditam o ser de cada uma delas. Da Passiva Clássica que “na cama, ela nunca vai tomar a frente nas posições, na maioria das transas não vai te chupar/penetrar e, na conchinha, vai ficar na frente virando tatu bola pra ser abraçada por trás por você.” A Sapatilha que “nunca escolhe o lugar onde vão jantar ou qual vai ser o passeio do fim de semana, esperando sempre que você dê as ideias, tome as atitudes e faça tudo acontecer. Aí vocês vão transar e depois de gozar – surpresa – ela ranca sua roupa no dente, abre suas pernas e te chupa enlouquecidamente.” A Hard Feme, “aquela vertente de passiva que só é passiva por esporte, quando quer, às vezes por puro charme. Geralmente é ela quem decide se a relação evolui ou não; e dificilmente é monogâmica. Ela gosta de se sentir cortejada, mas se ela quiser alguma coisa e você não tomar atitude, pode ficar tranquila porque ela vai!”



Tipo 4: A Lady



O exemplo mais famoso dessa vertente de passiva é a Clara (Em Família)

Essa é a preferida de dez entre dez Ativas. Ela abraça o título de rainha das passivas com orgulho, com firmeza e com extrema competência no exercício de sua posição. Ela chega até a ser meio "mandona" pra garantir que você não irá obrigá-la a ser menos passiva do que ela gosta de ser. Ela só vai ficar feliz se você a tratar como uma rainha, levando café na cama, abrindo a porta do carro, mandando flores, fazendo massagem nos pés, pagando todas as contas, demonstrando ciúme (e certo nível de possessividade), apresentando por aí com o devido título de sua "namorada/esposa", planejando todas as viagens e passeios, escolhendo o vinho do jantar, acompanhando nas compras dela no shopping, etc. E se você não fizer tudo do jeitinho como ela quiser, ela te larga e vai procurar quem faça, porque de outro jeito pra ela não dá.

Imagem retirada da Matéria: 4 Tipos de Lésbica Passiva: da hard femme até a Lady". Acesso em 27 de Abril 2016

Entre as lésbicas ativas, há também uma subdivisão segundo os critérios do blog de diversas subcategorias com características demarcadas, começando pela "dyke" que "No sexo, ela só come, só dá ou faz os dois; dependendo do que for mais adequado, sem crise. Porém, no dia a dia, ela abraça por trás, ela dá lugar pra sentar, ela se oferece pra segurar a bolsa, ela envia flores, ela ajoelha e pede em namoro, ela compra a aliança, ela paga o cinema. A famosa híbrida. E também geralmente a famosa cafajeste."(citação do blog) A Soft-Butch, que "usa roupas da

arara mais fashionista do setor masculino da loja. Geralmente tem cabelo curto, muito bem penteado com mousse. E quando ela abre a boca pra conversar, é um amorzinho. Ela é fofa, super 'cavalheira', pede seu creme de mão emprestado, puxa a cadeira pra você sentar e deixa você escolher primeiro. Na hora de fazer sexo, você leva um susto! Porque jurava que ela ia só te comer, porém não.”(citação do blog)

Há ainda a dita A Butch/Bofinho, que “é a versão 'setor masculino da loja', porém na arara mais comum.[...] É provável que ela tenha gosto por coisas tipo desenho animado, bonecos de ação, video-game, carros[...] Também por ser o tipo de ativa ainda está na adolescência. No sexo, se você insistir muito ela dá (só pra te agradar) (e dá meio estranho, porque é uma situação incomum pra ela), mas essa nunca vai ser a preferência dela.”(citação do blog)

Tipo 5: A Caminhão



Imagem retirada da Matéria: 5 Tipos de Lésbica Ativa: da soft até a Caminhão”. Acesso em 27 de Abril 2016

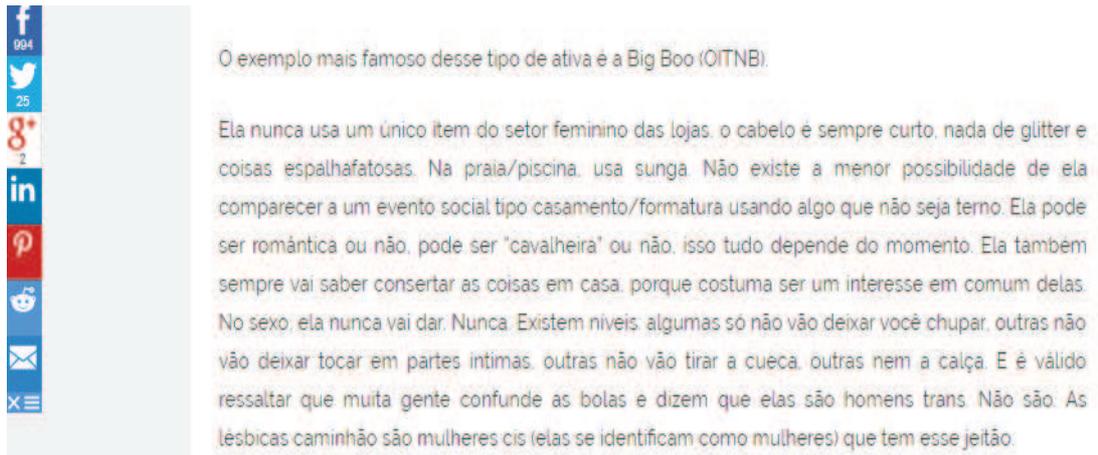


Imagem retirada da Matéria: 5 Tipos de Lésbica Ativa: da soft até a Caminhão". Acesso em 27 de Abril 2016

No blog vê-se de forma muito delimitada, aquilo que torna possível a identificação com dada um dos tipos, com associações, como se pode notar, que vão além de aspectos voltados a vestimentas, passando pelo aspecto de comportamento social e mesmo dentro dos relacionamentos íntimos, esfera aliás muito explorada pelo blog. A identidade ou o meio de identificação passa ainda pelo aspecto sexual das posturas adotadas em sociedade, que têm relação direta com a questão da intimidade/privada dos indivíduos. Sabemos que como nos faz pensar Hall (2000) as identidades são na verdade:

“pontos de apego temporário às posições-de-sujeito que as práticas discursivas constroem para nós. [...] as identidades são posições que o sujeito é obrigado a assumir, embora „sabendo“, sempre, que **elas são representações**” (HALL, 2000 p. 112). (grifo nosso)

As “suturas” que unem os sujeitos, une na verdade identidades e implica na própria construção destas, trazendo como sua antítese a diferença. Afinal, Identificar algo, é negar o outro. Ora, se sou ativa, quer dizer que não sou passiva, e vice versa. A ativa existe em resposta a o que não é ser passiva. Se sou Lady, quer dizer que não sou caminhão. Porém, é interessante notar que os sujeitos constroem identidades, que porém, não são fixas, tais identidades são apenas representações, sociais, culturais, psicológicas, simbólicas. É interessante que se note que se trata de uma representação, e mais importante ainda, se trata de algo em movimento entregue à instabilidade que constrói a partir de discursos, sujeitos dotados de

sociabilidades e historicidade no mundo das ideias, no mundo virtual e no mundo social, como um todo.

Existe porém, uma tendência, na sociedade sobretudo ocidental de categorizar os sujeitos de coloca-los em lugares pré-definidos, de a partir de esteriótipos, construir lugares comuns onde os sujeitos possam ser alocados, se entenderem como iguais e ter liberdade da solidez tão comum ao homem moderno. Abrindo espaço à fluidez que Bauman (2000) nos aponta o sujeito vai ganhando na sociedade da modernidade líquida (pós-modernidade), a liberdade de adentrar diferentes lugares e com liberdade, de circular entre vários lugares ao mesmo tempo. Interessante é observar como as leitoras, encaram a tática, do Blog com relação às identidades postas em destaque nas suas postagens.

As entrevistadas parecem ter pontos de vista congruentes em relação à postagens do blog de que tratamos, e até mesmo, vivenciaram segundo afirmam, esta fluidez das identidades por assim dizer, em que se identificaram com as matérias, e até se enquadraram em diferentes perfis que variaram de acordo com a época vivida por estas.

Ah, sim e achei bem interessante pois “traduz” e sistematiza esses perfis que a gente vê no dia a dia, convive, se relaciona. As dicas de paquera são altamente necessárias às vezes (risos). Lembro que me relacionei com uma pessoa heterossexual, foi super complicado e algumas vezes recorri ao blog em busca de algo que de certa forma me ajudasse em meio àquela confusão. Seguindo essa lógica, **acho que em cada momento me identifico com um tipo diferente. Já senti-me a lésbica ativa Betty Potter. Mas tb a lady. São relativas essas classificações, nem sei se necessárias, embora interessantes.** (D.S, 14 de Abril, 2016) (grifo nosso)

A entrevistada *M.M* afirma ainda, que, encontra nessa demasiada demarcação de tipos de lésbicas, um problema e mesmo um reforço a posturas e posicionamentos muitas vezes preconceituosos, ocasionados pelos esteriótipos.

tem um dos posts que fala sobre comportamento e acho que eles pecam no aspecto nos estereótipos e a gente tá buscando tanto nessas discussões de gênero é retirar esses estereótipos e eu acho que vez ou outra as meninas acabam pecando em alguns estereótipos, eles marcam bem, demarcam certos estereótipos e isso me incomoda.[...] o site traz bem específico posts relativos a perfil de cada lésbica, e as vezes esses perfis que me incomodam tanto.

Porque **é como se não fosse possível você flutuar entre estes perfis** e eu acho que a gente acaba flutuando muito, principalmente em relação a vestimenta, em relação a estilo porque você não precisa tá focado. Você acaba mudando de estilo, eu fui mudando. Fui me vendo nos últimos dez anos, de usar cabelo super curtinho, de só usar tênis, e fui mudando com o tempo, fui me refazendo enquanto sujeito, e isso foi mudando totalmente, então eu passei a preferir usar saias, então eu acho que os sujeitos eles estão em movimento então acho complicado assim, essas denominações fechadas.[...] o que eu vejo muito é que por mais que a gente tente fugir, quem tá produzindo ou uma parte das meninas que estão produzindo, elas ainda caem nessa questão do esteriótipo, e eu acho que a gente tem que saber o porquê, que apesar de tanta evolução ainda existem tantos esteriótipos, das denominações tão fechadas, é como se fossem caixinhas, tipo a “butchin” tem que ser desse jeito, a “lady” tem que ser assim. Mas, não sei pode ser que se dilua com o tempo. (M.M, 18 de Abril, 2016) (grifo nosso)

É interessante observar as colocações apontadas pela leitora M.M que além de leitora do Blog é também pesquisadora da área de estudos de gênero, e notamos a problematização desta, colocando em xeque, essas categorizações que o blog acaba propondo, mesmo que de modo a promover o “entretenimento”. A não categorização é um tema recorrente em debates acadêmicos, como os estudos que adotam a teoria queer, e que possui cada vez mais passagem livre entre os pesquisadores da área. O blog, mostrando estar atento aos novos posicionamentos de suas leitoras traz uma matéria, em que problematiza o possível fim da sigla LGBT.

M INSCREVA-SE NA NOSSA NEWSLETTER E FIQUE POR DENTRO DAS NOVIDADES! Digite seu e-n

O mundo está caminhando para o fim da sigla LGBT?



f 136
Twitter
g+ 0
in
p
e
✉
X

Mas tudo isso acabou me trazendo um outro questionamento: será que estamos caminhando para o fim da sigla LGBT?

Até 1991, ser homossexual ainda era considerado doença. Isso é absolutamente recente. Já questões como a transgeneridade, apesar de a OMS (Organização Mundial de Saúde) ter deixado de considerá-la um distúrbio em 2015, ainda é encarada com muito menos naturalidade do que as orientações sexuais diferentes da heterossexualidade. Isso, querendo ou não, nos força a incansavelmente reforçar as palavras GAY, LÉSBICA, BISSEXUAL, TRANS, TRAVESTI, QUEER, NÃO-BINÁRIO, PAN etc. a fim de que lutemos pela igualdade de direitos que não é concedida às pessoas desses grupos na sociedade. É terrível quando dizem "casamento gay", "beijo gay", "casal gay", "família homoafetiva", pois tudo isso é uma maneira de nos separar dos casamentos, beijos, casais e famílias consideradas 'NORMAIS'. Mas ao mesmo tempo, se não reforçamos o uso da palavra 'gay' (e outras), não conseguimos a visibilidade que precisamos para nossa luta. Se o 'Sapatômica - o blog da mulher lésbica' fosse apenas o 'Sapatômica - um blog', mulheres lésbicas não receberiam a visibilidade mais do que necessária dentro do ambiente online para atingir suas conquistas. Num

f 136
Twitter
g+ 0
in
p
e
✉
X

Imagem retirada da Matéria: "O mundo está caminhando para o fim da sigla LGBT?" Acesso em 28 de Abril 2016

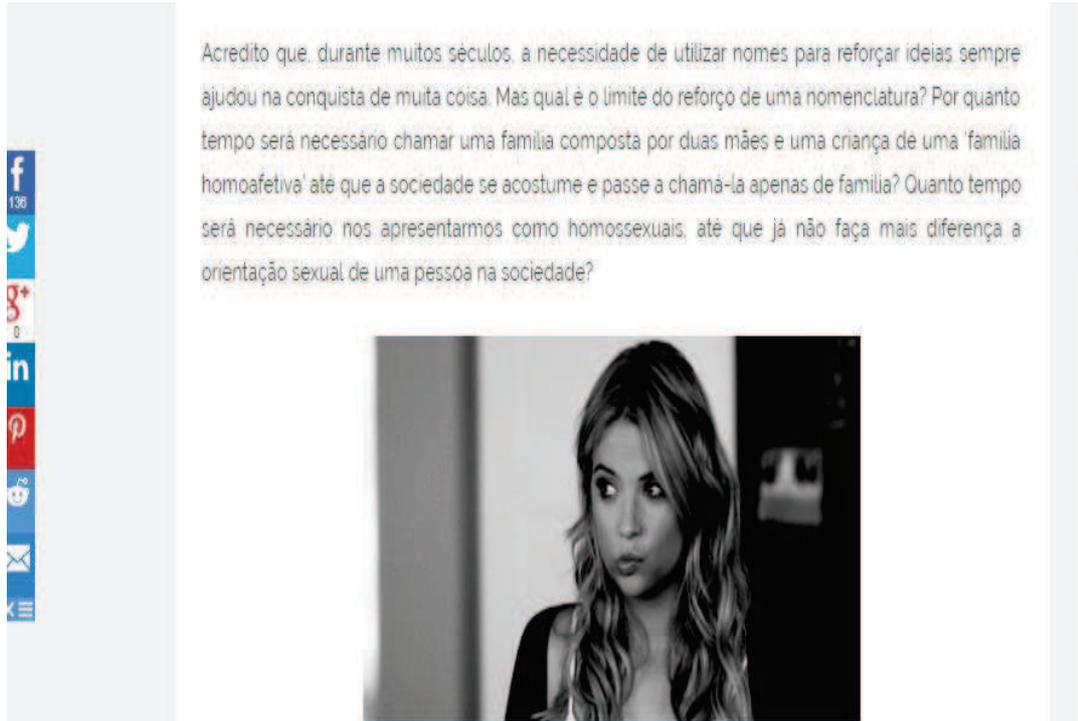


Imagem retirada da Matéria: “O mundo está caminhando para o fim da sigla LGBT?” Acesso em 28 de Abril 2016.

Questões atuais que interessam aos componentes dessa sigla, LGBT, são colocadas em discussão. A ideia de fluidez já cara entre estudiosos das ciências sociais, e ganham lugar de destaque em blogs, espaços de amplo acesso, ao público em geral, não apenas acadêmico. E até que ponto um blog exerce influencia sobre seus leitores? Como ele tende a ser articulado de modo a responder às demandas de seu público alvo? E como esse público alvo encara o conteúdo propagado pelo blog?

Eu acho que assim, os posts principalmente na parte que elas trazem informações é muito significativa, porque você compele né, porque aquelas informações que estariam todas diluídas pela Rede, elas pegam e colocam todas num lugar, e acho que isso ajuda a você se sentir incluído nesse universo num mundo como um todo, acho que quando você começa a ver várias notícias, principalmente é de pessoas que se assumiram que tão se assumindo, que tão se colocando no mundo, que tão deixando de lado, os armários, principalmente quando você ver assim, “é artista, galera que é de esportes” e que elas estão assumindo quem realmente são, então você acha, “aahh não sou um ETzinho” principalmente para essas meninas que são mais novas, que estão chegando, no início isso é muito importante e eu acho importante o site e me faz representar por isso, não tanto a mim, mas dos sujeitos que agora estão mais necessitados de referencias. (M.M 18 de Abril, 2016)

Sobre como se sentem as entrevistadas em relação ao que é vinculado pelo blog a entrevistada L.O afirma o seguinte:

Eu acho muito interessante as postagens, do blog em si porque é como eu disse, eu me sinto normal, porque quando você vê, “aahh isso é algo em comum” e você vê a quantidade de curtida que aquilo tem, não só eu que tenho aquela coisa que tá postando, existem outras pessoas também que acham engraçado, existem pessoas que apoiam aquela causa, porque não tem só essa questão do entretenimento, como também tem a questão do preconceito e isso é interessante então eu me identifico com isso.(L.O, 27 de Abril, 2016)

Como podemos observar na fala das entrevistadas, o blog, apesar de não necessariamente responder aos anseios por completo das entrevistadas, funcionou, ou mesmo funciona como ambiente de sociabilidade, de pertencimento. Ora, o pertencimento se trata de um dos elementos que torna possível a identificação, e, portanto a construção de identidades, ainda que fluídas e móveis. Por serem identidade, são deste modo passíveis de historicização e análise.

CONSIDERAÇÕES

Quando se inicia uma pesquisa têm-se objetivos delimitados, o do trabalho desenvolvido era analisar o Blog Sapatômica, tratando-o enquanto espaço de construção de identidades e ressignificação destas. Consideramos relevante tanto do ponto de vista acadêmico quanto do ponto de vista social analisar como vem se dando a construção social do Ser Lésbica a partir de ferramentas tecnológicas recentes e de grande abrangência. Decidimos falar de um tema tabu, Mulheres Lésbicas, indivíduos que se enquadram em duas categorias predominantemente estigmatizadas. A pesquisa se pautou tanto em referências teóricas, e durante todo o percurso esteve sempre tendenciosa a esta direção, quanto para as falas de leitoras do Blog a respeito do discurso propagado por este a respeito destas; discurso este vale salientar, também objeto de análise de nosso trabalho.

Sabemos que a história está sendo produzida a todo instante e a todo vapor, o discurso aparentemente ingênuo de hoje é o que constrói a realidade das gerações que virão. Cremos que o nosso trabalho tem muito a contribuir para pesquisas e investigações futuras, pois, dá voz ou visibilidade a um público notadamente marginalizado por discursos que tentam abafar a existência de minorias. Do ponto de vista historiográfico, se trata de um trabalho inovador, ao passo que aborda novas formas de comunicação, bem como o modo como essa comunicação afeta o dia-a-dia e em questões sociais especificamente a sociabilidade e a construção de identidades.

Levantamos questões sobre o Ciberespaço e apontamos o quanto de potencial de realidade o permeia, o que o torna um campo de reflexões das ciências humanas, propomos deste modo a quebra da história pela história e trouxemos a soma de discursos de diferentes áreas como forma de enriquecimento do campo historiográfico a que se propôs nosso trabalho.

A sociedade muda constantemente, e falar do agora é ter a certeza de que amanhã já terá sido passado. Somos testemunhas de um tempo de velocidade no qual relações se moldam de forma fluída e se torna interessante observar como conceitos caros ao campo da sociologia, da história e tantas outras áreas se concretizam no fazer de indivíduos sociais, escritores e personagens de sua história.

A ideia que permitiu ser utilizado tal caminho se refere à concepção de discurso enquanto instância primeira onde mudanças sociais se desdobram.

Muitos questionamentos foram respondidos com tal pesquisa, mas muitas dúvidas ainda ficam. Partindo da premissa de que há a impossibilidade de um trabalho completo, podemos dizer que o trabalho respondeu de forma parcial, mas que no momento nos satisfaz aos questionamentos a que se propôs. Bem como ao nível esperado de discussão. Sabe-se que o trabalho de conclusão de um curso de graduação oferece apenas as ferramentas iniciais para uma abordagem mais densa e teórica acerca de um dado tema e que questões voltadas aos estudos de Gênero são ainda um campo pouco explorado a espera de desbravadores de campos historiográficos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**. São Paulo: Cia das Letras, 2008.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1992.
- BAUMAN, Z. **Amor líquido: Sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: A busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- BAUMAN, Zygmunt. **Medo líquido**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- BEAUVOIR, Simone de. **Segundo Sexo. 1. Fatos e Mitos**. 6ª Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- BLOCK, Marc Leopold Benjamin. **Apologia da História**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BRITZMAN, Deborah. **O que é esta coisa chamada Amor – Identidade homossexual, educação e currículo**. Revista Educação e Realidade, v. 21, p. 71-96, jan/jun, 1996.
- CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano: Artes de fazer**. 3ª Ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural: Entre práticas e representações**. Portugal: DIFEL, 2002.
- CHAUVEAU, Agnès; TÉTART, Philippe (Org.). **Questões para a história do presente**. São Paulo: EDUSC, 1999.
- COSTA, Jurandir Freire. **O Referente da Identidade Homossexual**. In: PARKER, Richard e BARBOSA, Regina Maria. Sexualidades Brasileiras. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996.
- FACCHINI, Regina. **Sopa de Letrinhas? O movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos de 1990**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 2: uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

- GIDDENS, Anthony. **The consequences of modernity**. Cambridge: Polity Press, 1990.
- GOFFMAN, Erving. **A representação do Eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.
- HALL, Stuart. **Quem precisa da identidade?** In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org. e Trad.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- HEILBORN, Maria Luiza. **Ser ou estar homossexual: dilemas de construção de identidade social**. In: PARKER, Richard e BARBOSA, Regina Maria. **Sexualidades Brasileiras**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996.
- LÈVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: ed. 34, 1999.
- LÈVY, Pierre. **O que é o virtual?** Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.
- LOURO, G.L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes (1997).
- LOURO, Guacira Lopes. **O Corpo Educado: Pedagogias da sexualidade**. 2ªEd. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- MARCHIORI, Gisele. **Comunicação, Sociabilidade e Escrita de si: a comunidade gls no ciberespaço**. Tese de doutorado, Universidade Federal da Bahia, 2004.
- NUNAN, Adriana. **Homossexualidade: do preconceito aos padrões de consumo**. Rio de Janeiro: Caravansarai, 2003.
- OLIVEIRA, Rosa Maria. **Fronteiras Invisíveis: Gêneros, Questões identitárias e Relações entre movimento homossexual e Estado no Brasil**. Revista Bagoas, n. 4, p. 160-172, 2009.
- RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- SAID, Edward. **Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990
- SIMMEL, George. **Questões Fundamentais da Sociologia: Indivíduo e Sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- TURKLE, Sherry. **A vida no ecrã: A identidade na era da Internet**. Lisboa: Relógio D'Água, 1997.
- VEYNE, Paul. **Como se escreve a História ou Foucault revoluciona a História**. Brasília, UNB, 1992.

APÊNDICES

Questionário de Pesquisa sobre acesso ao Weblog Sapatômica

ENTREVISTA I

Nome da entrevistada: D.S

Qual sua idade? 21 ANOS

Escolaridade: SUPERIOR

COMPLETO / ESTUDANTE DE PÓS-GRADUAÇÃO

Profissão: PROFESSORA

Sexo: FEMININO

Gênero: CISGÊNERO

Possui orientação sexual definida? Se sim. Qual?

SIM, HOMOSSEXUAL

Costuma acessar internet? Com que frequência?

SIM, DIARIAMENTE

Quais sites e blogs mais acessados?

Costumo acessar sites de notícias como El país, Jornal da Paraíba, Carta Capital e outros. De assuntos voltados ao feminismo, agroecologia e questões de gênero, como Blogueiras Feministas, INSA – Instituto Nacional do Semiárido, AS-PTA. Acesso muitas páginas no site Facebook, mais até do que websites propriamente ditos. Acho que é uma tendência hoje tb. Dentre essas páginas elenco várias: Mães pela Diversidade, Não me Kahlo, Cunhã Coletivo Feminista, Humaniza Redes, Think Olga, Socialista Morena, Quebrando o tabu... No Youtube: Canal das Bee, Vozes da Igualdade, Jout Jout Prazer...

Costuma acessar o Weblog Sapatômica? Com que frequência?

Sim, ocasionalmente. Em determinada fase de descoberta homossexual, acessei com mais frequência.

O que busca em sites e blogs do perfil do Sapatômica?

Hoje, quando surge alguma dúvida ou insegurança com relação a algo, geralmente dificuldades em viver em uma sociedade heterossexual, machista e homofóbica. Quando se lê comentários, opiniões que giram em torno de suas inquietações, isso

reconforta de certa forma, mesmo que momentaneamente. Antes, naquela coisa da identificação mesmo... De procurar páginas, filmes, séries, livros tem tenham haver com aquilo que quando você se descobre homossexual, vai se tornando. Quem nunca viu The L Word? Compro ver a série como acessar o blog Sapatômica. É um ritual de passagem. E o Sapatômica é o blog que logo a gente se depara. Foi pelo menos assim, no meu caso. Então durante essa passagem, procurei posts relacionados ao tornar-se lésbica, a entender como se daria a relação sexual (sensações, possibilidades, o que fazer, esse tipo de coisa), a aperfeiçoar meu gaydar (risos aqui), e a ver também notícias relacionadas ao assunto.

Existe alguma matéria que te chamou mais atenção? Se sim. Por quê?

Sim, recentemente uma que problematizava se estamos rumando ao fim da sigla LGBT, se estamos em um momento em que as pessoas não querem se rotular, fixar identidades e chega-se à conclusão que sim, é um novo momento. A matéria segue dizendo que às vezes se dizer gay é a afirmação de um lugar e portanto, de lutas, mas por outro é a ideia da separação, do enclausuramento em uma identidade fixa e por isso, ligada à guetização. Foi um texto interessante, com uma linguagem simplificada e que condensava leituras mais densas que realizei anteriormente que giravam em torno dessas questões e problematizações.

A matéria: <http://sapatomica.com/blog/2016/03/20/o-mundo-esta-caminhando-para-o-fim-da-sigla-lgbt/>

O site deixa dicas como, de paquera, de tipos de lésbicas e o perfil de cada uma delas; em alguma dessas matérias você se identificou com algum dos tipos? Por quê?

Ah, sim e achei bem interessante pois “traduz” e sistematiza esses perfis que a gente vê no dia a dia, convive, se relaciona. As dicas de paquera são altamente necessárias às vezes (risos). Lembro que me relacionei com uma pessoa heterossexual, foi super complicado e algumas vezes recorri ao blog em busca de algo que de certa forma me ajudasse em meio àquela confusão. Seguindo essa lógica, acho que em cada momento me identifico com um tipo diferente. Já senti-me a lésbica ativa Betty Potter. Mas tb a lady. São relativas essas classificações, nem sei se necessárias, embora interessantes.

Nas matérias do Weblog, é comum haverem comentários diversos, alguns inclusive falando sobre detalhes da vida pessoal das usuárias, o que você acha disso? Você se identifica com algum desses comentários?

Acho que é uma forma de socializar, de criar redes e de apoio mesmo. Como nos casos citados anteriormente, rolou sim essa identificação.

Você sente-se representada pelas postagens do site? Acho que não totalmente, pois acho que hoje estou me distanciando aos poucos disso que é “para lésbicas”, ou daquilo que fecha demais as identidades. Embora isso seja necessário na compreensão de nosso estar no mundo.

Até que ponto o que é vinculado no Weblog condiz com sua forma de se sentir no mundo?

Acho que quem busca o site busca em algum momento uma identificação, nesse sentido, muita coisa veiculada, discutida, problematizada ali faz parte sim desse meu estar no mundo.

Alguma matéria te ofendeu de algum modo? Se sim. Por quê?

Que me venha em mente nesse momento, não.

Para você o que é ser Lésbica? E quais aspectos são levados em consideração na construção dessa identidade?

Acho que ser lésbica vai muito além do fato de você se relacionar com outra pessoa do mesmo sexo. É uma construção no fim das contas, para você dizer “sou lésbica”. Entra em jogo muitas coisas para chegar a esse ponto. Acho que uma das principais é sentir-se pertencente a uma “comunidade” Ter amigxs primeiro que te façam entender que ser gay é normal e ir construindo, ir se fazendo. Claro, como mencionei antes também passa pelo ponto “consumir produtos (culturais) LGBT”, acho que o próprio acesso a páginas voltadas a esse público também contribui nessa construção. Ir a festas, manter vínculos, entrar em grupos no Facebook... Mas mais do que tudo, acho que para essa identidade ir se formando é necessário também um autoreconhecer-se e um reconhecer também pelo meio. Muitas vezes rola aquela coisa de dizer: “aquela menina é lésbica (ou sapatão!! – mais usado) pelo jeito de se vestir, de se portar, acho que tudo isso é muito relativo. Embora, também ache que isso faz um pouco de sentido, meninas gays têm mais liberdade, acho que são mais despidas de alguns formalismos e caixinhas. Vai ser questionável isso que vou dizer: mas, por que não dizer que lésbicas são mais emporadas?! Acho que é um pouco por aí.

Questionário de Pesquisa sobre acesso ao Weblog Sapatômica

Nome da entrevistada: L.O

Qual sua idade? 20 anos
(terceiro período de história)

Escolaridade: Superior incompleto

Profissão: Estudante

Sexo: Sou uma mocinha

Gênero: Feminino

Possui orientação sexual definida? Se sim. Qual? Sim, homossexual.

Costuma acessar internet? Com que frequência?

Sim, com certeza frequentemente todos os dias.

Quais sites e blogs mais acessados?

Olha normalmente, nessa questão, como eu tô muito voltada pra universidade, eu fico muito no blog da universidade, que no caso é o site da UEPB e alguns sites de desing, e tem os entretenimentos que são a questão de seriados.

Costuma acessar o Weblog Sapatômica? Com que frequência?

Sim, como ela tem uma “funpage”, então normal é quase diariamente, porque quando rola uma postagem, eu tô ligada. Na verdade eu não tô muito ligada na questão do blog em si. Eu só entro no blog quando tá a matéria, tá a matéria eu acabo indo direto pra o site. Mas normal mente tem sido mais a “funpage” do facebook.

O que busca em sites e blogs do perfil do Sapatômica?

Assim, quando eu curti a página, tive até um pouco de receio, essa questão toda familiar. Mas, eu gosto porque se torna algo, é como se fosse algo incomum. Tipo, “aah eu gostei dessa “funpage” e eu vou acessar ela porque ela é incomum, ela tem a ver com cotidiano, com a minha vida e principalmente a minha orientação sexual, então até as piadas, coisas como filmes também então isso me interessa”.

Existe alguma matéria que te chamou mais atenção? Se sim. Por quê?

Eu achei muito interessante a matéria sobre filmes, que mostrou acho que 3 filmes, que falava sobre a temática homossexual até no ambiente escolar, a gente tava até procurando filmes sobre isso pra montarmos um artigo”.

O site deixa dicas como, de paquera, de tipos de lésbicas e o perfil de cada uma delas; em alguma dessas matérias você se identificou com algum dos tipos? Por quê?

Sim, principalmente quando elas fazem a identificação de aquarianas, tipo “as lésbicas aquarianas são o seguinte...” eu me identifico bastante, por conta de ser o signo o comportamento, as relações, é muito parecido.

Nas matérias do Weblog, é comum haverem comentários diversos, alguns inclusive falando sobre detalhes da vida pessoal das usuárias, o que você acha disso?

Você se identifica com algum desses comentários? Sim, eu já vi sim esses comentários, assim eu não sou muito de me expor, eu não comento esse tipo de coisa. Porque como eu já disse o meu acesso é totalmente voltado ao Facebook, é o Facebook hoje em dia você curte uma coisa aparece na página de outra pessoa, então eu evito esse tipo de comentário. Mas, eu já vi sim, e me identifico sim, porque por minha orientação sexual ser homossexual e eu ser de um lar totalmente religioso, evangélico, então muitas histórias como repressão familiar e esse tipo de coisa, e eu me identifico sim, porque é praticamente a minha vida.

Você sente-se representada pelas postagens do site?

As vezes sim, as vezes não. Tem vezes que sim, tem outras que “aaihh” não (risos).

Até que ponto o que é vinculado no Weblog condiz com sua forma de se sentir no mundo? Eu acho muito interessante as postagens, do blog em si porque é como eu disse, eu me sinto normal, porque quando você vê, “aahh isso é algo em comum” e você vê a quantidade de curtida que aquilo tem, não só eu que tenho aquela coisa que tá postando, existem outras pessoas também que acham engraçado, existem pessoas que apoiam aquela causa, porque não tem só essa questão do entretenimento, como também tem a questão do preconceito e isso é interessante então eu me identifico com isso.

Alguma matéria te ofendeu de algum modo? Se sim. Por quê? Sem resposta.

Para você o que é ser Lésbica? E quais aspectos são levados em consideração na construção dessa identidade?

Ser lésbicas não é nenhum bicho de 7 cabeças. É ser mulher que gosta de mulher. Pelo menos pra mim, não perco a minha identidade de sexo. Muito menos padrões de beleza... É só ter uma posição diferente. Ngm nasce mulher ou homem ou lésbica ou gay. Tudo isso se constrói, a uma influência grande na criação na convivência, entre amigos e tudo mais.... Considero MT nas teorias de Freud. Mas que jamais seria um distúrbio ou doença. Externo influência, e o interno molda as nossas percepções.

ENTREVISTA III

Questionário de Pesquisa sobre acesso ao Weblog Sapatômica

Nome da entrevistada: M.M

Qual sua idade? 28

Escolaridade: Mestranda.

Profissão: Estudante.

Sexo: Feminino.

Gênero: Essa questão eu fico muito na dúvida do que responder, mas me vejo enquanto mulher então cisgênero.

Possui orientação sexual definida? Se sim. Qual? Sim, Lésbica.

Costuma acessar internet? Com que frequência?

Sim, acho que passo umas 6 horas por dia com acesso a internet.

Quais sites e blogs mais acessados?

O site que mais acesso é o que eu estudo que é o Létera, que é um site voltado pra meninas lésbicas que escrevem literatura Lésbica, e sites de notícia e pra concurso

Costuma acessar o Weblog Sapatômica? Com que frequência?

Sim, umas duas vezes por semana

O que busca em sites e blogs do perfil do Sapatômica?

O Sapatômica na verdade, ele traz uma coluna relativa a comportamentos e a outra a notícias e atualmente eu tenho acessado por este motivo, mas o que me levou a começar a acessar, faz já acho que uns 3 a 4 anos que eu acesso o Sapatômica ele é um blog bem antigo foi realmente no processo que eu tava me descobrindo e procurando sites que trouxessem informações algum conteúdo relativo.

Existe alguma matéria que te chamou mais atenção? Se sim. Por quê?

Eu acho assim, que como eu procuro tá sempre lendo em sites não uma matéria que me chame mais atenção, mas tem um dos posts que fala sobre comportamento e acho que eles pecam no aspecto nos estereótipos e a gente tá buscando tanto nessas discussões de gênero é retirar esses estereótipos e eu acho que vez ou outra as meninas acabam pecando em alguns estereótipos, eles marcam bem, demarcam certos estereótipos e isso me incomoda.

O site deixa dicas como, de paquera, de tipos de lésbicas e o perfil de cada uma delas; em alguma dessas matérias você se identificou com algum dos tipos? Por quê?

Sim, tem um post se não me engano que é só sobre , eles traçam muito os posts, tipo de perfil, inclusive perfil em relação a signo que é bem típico, que eu vejo da homossexualidade feminina que eu vejo que essa questão astrológica acaba influenciando, mas os posts sim trazem, o site traz bem específico posts relativos a perfil de cada lésbica, e as vezes esses perfis que me incomodam tanto. Porque é como se não fosse possível você flutuar entre estes perfis e eu acho que a gente acaba flutuando muito, principalmente em relação a vestimenta, em relação a estilo porque você não precisa tá focado. Você acaba mudando de estilo, eu fui mudando. Fui me vendo nos últimos dez anos, de usar cabelo super curtinho, de usar só tênis, e foi mudando com o tempo e fui me refazendo enquanto sujeito, e isso foi mudando totalmente então eu passei a preferir usar saias, então eu acho que os sujeitos eles estão em movimento então acho complicado assim, essas denominações fechadas.

Nas matérias do Weblog, é comum haverem comentários diversos, alguns inclusive falando sobre detalhes da vida pessoal das usuárias, o que você acha disso? Você se identifica com algum desses comentários?

A questão dos comentários é o que eu trabalho que é a questão da Grande Rede de sujeitos, quem acaba acessando o site são meninas que buscam, na sua grande maioria, representação de alguma forma, ou então de se encontrar no site, então os comentários servem para a construção dessa rede porque elas conseguem elos a partir das redes, e o que eu vejo assim, sempre existem comentários em relação a como foi o processo de aceitação, e isso você acaba se identificando seja das violências sofridas, sejam psicológicas ou verbais.

Você sente-se representada pelas postagens do site?

Nem todas, porque eu tenho alguns problemas, com alguns posicionamentos das meninas, de certa forma é uma representação, não tanto quanto eu queria. E o site sofreu algumas alterações, o site mudou completamente as meninas que administram o blog, e não sei, acho que ficou meio uma questão muito de modinha, e internet para mim é militância, então não sei se eu ainda não entendi o tipo de militância delas, e por isso não me representa tanto.

Até que ponto o que é vinculado no Weblog condiz com sua forma de se sentir no mundo?

Eu acho que assim, os posts principalmente na parte que elas trazem informações é muito significativa, porque você compele né, porque aquelas informações que estariam todas diluídas pela Rede, elas pegam e colocam todas num lugar, e acho que isso ajuda a você se sentir incluído nesse universo num mundo como um todo, acho que quando você começa a ver várias notícias, principalmente é de pessoas que se assumiram que tão se assumindo, que tão se colocando no mundo, que tão deixando de lado, os armários, principalmente quando você ver assim, “é artista, galera que é de esportes” e que elas estão assumindo quem realmente são, então você acha, “aahh não sou um ETzinho” principalmente para essas meninas que são mais novas, que estão chegando, no início isso é muito importante e eu acho importante o site e me faz representar por isso, não tanto a mim, mas dos sujeitos que agora estão mais necessitados de referências.

Alguma matéria te ofendeu de algum modo? Se sim. Por quê?

Não nenhuma matéria me ofendeu, ou só fico preocupada, como já falei e reitero, com alguns estereótipos que são colocados, mas eu também não sei qual o intuito, e na minha pesquisa eu trabalho com esteriótipos porque o que eu vejo muito é que por mais que a gente tente fugir, quem tá produzindo ou uma parte das meninas que estão produzindo, elas ainda caem nessa questão do esteriótipo, e eu acho que a gente tem que saber o porquê que apesar de tanta evolução ainda existem tantos esteriótipos, das denominações tão fechadas, é como se fossem caixinhas, tipo a “butchin” tem que ser desse jeito, a “lady” tem que ser assim. Mas, não sei pode ser que se dilua com o tempo.

Para você o que é ser Lésbica? E quais aspectos são levados em consideração na construção dessa identidade?

Ser lésbica pra mim é sentir-se atraída emocionalmente e sexualmente, ao mesmo tempo ou não, por uma mulher. A construção de uma identidade lésbica passa desde da performance de gênero, desejo, sentimento.